

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

Alessandro Pimentel

Trabalhadores na construção civil:
entre construir e produzir possibilidades, Toledo-PR (2000-2013).

Marechal Candido Rondon
Novembro de 2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

Alessandro Pimentel

Trabalhadores na construção civil:
entre construir e produzir possibilidades, Toledo-PR (2000-2013).

Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Professora Sheille Soares de Freitas apresentado à banca examinadora como exigência parcial à obtenção do título de Licenciado em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

Marechal Candido Rondon
Novembro de 2014

Declaração de autoria

Eu, Alessandro Pimentel, portador do **RG 8355341-3** declaro para os devidos fins que o presente trabalho é de minha autoria, assumindo, portanto, total responsabilidade sobre ele.

Alessandro Pimentel

Dedicatória

Dedico este trabalho em memória da minha querida mamãe, Vera Lourdes Bildathauer Pimentel, falecida em 2011, e a meu papai, José Dari Lamarques Pimentel, que ainda tenho o prazer de tê-lo em minha vida. Embora tenham criado 11 filhos sou o primeiro que conseguiu concluir o segundo e terceiro graus. Por isso, deixo esse trabalho em reconhecimento e agradecimento à educação que vocês me deram e ao caráter de homem que me ensinaram a construir.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço imensamente a minha amada esposa Claudinéia Maia Daniel Pimentel, que ao longo desses quatro anos esteve sempre a meu lado dando força nos meus momentos de desânimo e fraqueza, além de contribuir com seu trabalho nas transcrições das entrevistas, pois foram largas horas frente ao computador adiantando, voltando as gravações e digitalizando entrevistas. Claudinéia, se não fosse você hoje eu não estaria concluindo um curso superior.

Também agradeço imensamente a minha professora e orientadora Sheille Soares de Freitas, que contribuiu muitíssimo para que esse trabalho fosse realizado, sem suas interferências, dicas e auxílio esse trabalho jamais seria o que é, e tão pouco teria chegado ao teor e importância que agora tem. Quero dizer também professora, que sua visão da história, e o valor que você dá ao ser humano, também me afetaram positivamente, transformando o meu modo de ver a realidade, o valor e importância que cada pessoa tem no mundo.

Assim agradeço aos meus colegas e professores do curso de história da turma de 2011, pelas contribuições e discussões sobre história que tivemos em sala, mas em especial aos meus amigos Fernando Alflen, Juliano Konrad e Kellin Caroline Schone, que tive o prazer e oportunidade de conhecer graças ao curso de história. Foram muitos trabalhos que fizemos juntos, que vão ficar guardados em minha memória. Se não fosse vocês esses quatro anos não teriam o significado que tem hoje para mim. Ao escrever essas linhas me vem à mente toda nossa trajetória como acadêmicos, o que me faz meditar, que com vocês ao meu lado foi mais fácil passar esses anos como estudante.

PIMENTEL, Alessandro. **Trabalhadores na construção civil: entre construir e produzir possibilidades**, Toledo-PR (2000-2013). 2014. 75 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2014.

Resumo

Este trabalho debate sobre a trajetória e experiências, vivenciadas e experimentadas por sujeitos ao longo de suas vidas, percebendo nas trajetórias de certos trabalhadores como enfrentaram pressões e possibilidades que num dado momento de suas vidas colocou como alternativa viável, frente às lutas que se embrenharam, o trabalho na construção civil. Debateremos a trajetória de vida desses trabalhadores através das narrativas orais, percebendo como significam seu passado no presente, apontando a construção civil como uma alternativa de mudança nas condições de vida e trabalho.

Discutimos como esses sujeitos optaram por trabalhar na construção civil, entendendo que foi na experiência e enfrentamentos desse percurso da vida que forjaram as condições necessárias para enfrentar esse ramo de trabalho. Debateremos como agem as empresas e patrões para conseguir segurar o trabalhador a partir de barganhas e promoções, ou o registro da profissão em carteira. A segurança no trabalho e os acidentes aparecem como rotineiros e, muitas vezes, como culpa dos trabalhadores, por isso tentamos discutir essa lógica de análise a partir de um debate que foca nas condições de trabalho e nos enfrentamentos que os trabalhadores produzirem perante tal realidade, envolvendo sobrecarga de trabalho, pressão para a irregularidade da rotina de atuação e a inserção de ferramentas e máquinas elétricas no processo de trabalho.

Palavras-Chave: trabalhadores, construção civil, saúde do trabalhador, acidentes de trabalho

Sumário

Considerações Iniciais	9
Capítulo I	
Trabalhadores construindo alternativas: trajetórias em debate.....	16
Capítulo II	
Lutas diárias nos canteiros de obras: experiência e segurança dos trabalhadores.....	37
Considerações Finais	71
Fontes	73
Referências Bibliográficas	74

Considerações Iniciais

A ideia para essa pesquisa surgiu no final de 2012, estava terminando o segundo ano do curso de História. Naquele momento, comecei a ter contato com trabalhadores da construção civil, pois depois de oito anos longe dos canteiros de obras eu retornava a trabalhar nessa área.

Comecei a meditar como o trabalho nessa área era difícil, daí surgiu uma inquietação; quem são os trabalhadores vinculados a essa atividade e por que se submetem a esse trabalho? Surgiu então o interesse em conhecer a trajetória desses sujeitos para entender quais foram os motivos, as razões, pressões e decisões ao longo da vida que se configuraram para compor suas experiências e lhes deram condições de enfrentarem os canteiros da construção civil.

O caminho inicial da pesquisa foi a conversa com trabalhadores, primeiro com colegas de trabalho e depois com amigos e conhecidos, por fim com alguns que abordei aleatoriamente e que também se propuseram a dar entrevistas ou conversar sobre as relações de trabalho e o modo como seguiram seu caminho até Toledo. Esse trabalho segue uma linha teórica baseada em que vê o sujeito em uma dinâmica social onde ele (re)significa valores que lhes são propostos, assim pensamos a trajetória de trabalhadores, conforme os pensamentos propostos por Thompson, do mesmo modo que Cardoso (2010) também anuncia:

Talvez o nosso maior aprendizado com as leituras de E. P. Thompson seja a noção de que os nossos caminhos de análise estão sempre em construção, às noções que nos ajudam a interpretar são constantemente refeitas. A teoria não é uma receita mágica para os nossos problemas ou questões de investigação, porque afinal elas são nossas. Nesse sentido é que destacamos atualidade das reflexões deste autor... Na experiência social emergem valores, sentimentos, opções, como também ações e refletir sobre esse social nesta perspectiva significa transformá-lo em questões de investigação, problematizando seus comos e porquês. (IBIDEM, p. 35)

Assim, esse trabalho segue por essa linha de pensamento teórico, não aceitando que uma teoria deva ser algo engessado e fixo mais sim que ela dialogue com os

problemas e condições concernente a pesquisa. Pois partimos de um cenário de questionamentos para analisar e compreender a trajetória dos trabalhadores.

Como nos propomos trabalhar com fontes orais é necessário entender que a formulação da narrativa não é somente do entrevistado, mas também do pesquisador que questiona, e participa da conversa. Como bem aponta Cardoso (2010):

Lidar com as narrativas orais nessa perspectiva da história social é trabalhar com elas na ótica de um diálogo que se constrói entre o historiador, que tem suas questões de investigação voltadas para a compreensão do social e seus interlocutores, as pessoas que trazem para o diálogo as suas experiências, expondo nas suas falas os significados que elas atribuem ao que viveram no passado, à luz do tempo presente ou das inquietações que pautam o cotidiano de cada uma. (IBIDEM, p.38).

Deste modo, as pessoas que estão sendo entrevistadas escolhem o que querem e como querem dizer, pois nisso se configura a subjetividade da cada entrevistado, que significa as escolhas e o modo como olha para sua própria trajetória. Nesse sentido, a importância de se trabalhar com fontes segundo a autora nos apresenta um procedimento importante:

Trazer narrativas, como as citadas, para o nosso campo de investigação requer pensar como esses narradores se fazem sujeitos no enredo que constroem e como suas experiências individuais nos falam dos significados de processos sociais marcados por aproximações entre companheiros que exerciam, ou exercem, a mesma atividade, como também por tensões e contradições, não só entre eles, como nos diversos espaços que frequentam. O olhar do pesquisador no diálogo com pessoas, feitos nessa perspectiva, nos leva a observar, de maneira especial, como lidam com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores e referências.(IBIDEM, p,43).

A importância que os entrevistados dão e esse momento também deve ser levado em consideração em nossa análise, pois para eles é um momento em que aparecem como protagonistas de sua trajetória e de suas experiências, uma vez que têm a possibilidade de falar de um passado que para eles têm muito significado diante das relações e experiências estabelecidas ao longo de suas vidas.

Nesse sentido, esse trabalho tem a preocupação em compreender as diversidades e o modo como distintos trabalhadores se empenharam para construir sua trajetória por isso acreditamos na importância do suposto de

Recuperar a experiência histórica de diversos sujeitos sociais em seus múltiplos e diversificados aspectos e territórios deixando neles suas marcas: discutir as variadas experiências enquanto dos trabalhadores analisando o seu fazer-se classe em seus múltiplos sentidos e prática : refletir sobre o significado das práticas sociais diferenciadas que estão no campo das vivências, bem como no dos valores e dos interesses, a fim de entender o social como um lugar de tensões :são objetivos que compõem o universo das nossas preocupações maiores. Esses objetivos foram definidos e atrelados ao que consideramos como compromissos sociais e políticos do historiador e as formas como eles expressam maneiras de entender e de fazer histórias. (Almeida et al., 2005, p.13.).

Ainda conforme esses autores;

O desafio que se coloca é pensar os registros como linguagens que evidenciam práticas sociais sentimentos, ações e projeções inscritas na vivência social e sobre tudo como expressão dos diferentes modos dos sujeitos traduzirem e atribuírem sentidos e significados aos seus viveres” (IBIDEM, p.20).

A nossa problemática, atenta a essas indicações, procura compreender os trabalhadores dentro de uma dinâmica social na qual englobe relações que estabelecem socialmente ao longo de suas vidas, por isso

As reflexões e os trabalhos de pesquisa apontaram para a necessidade de se trabalhar não com outra história que se opunha a história oficial, mas encarar a necessidade de também colocar a história plural. Ou seja, outras histórias buscando modos de apreender a dinâmica social, e a própria construção de nossas temáticas, em sua complexidade fazendo emergir experiências e memórias compartilhadas, divididas e contraditórias em convívio e em confronto (IBIDEM, p.22)

Nesse sentido, também nos colocamos a pensar a cidade como um campo fértil para os confrontos e lutas de classe, uma vez que ela engloba uma gama de relações que são testadas e experimentadas diariamente no campo do trabalho, assim “A cidade aparece como um local privilegiado para entender as novas dinâmicas entre capital e trabalho”(IBIDEM, p.25).

As entrevistas foram um fator importante para a produção monográfica, pois o contato com a narrativa das memórias dos sujeitos proporcionou um grande enriquecimento na hora de escrever e confrontar valores. A partir das falas dos entrevistados foi possível identificar elementos que ficaram gravados em minha mente e que aproximavam nossos caminhos. Elementos como a infância interrompida pelo trabalho; o sofrimento, a pobreza e a exploração no trabalho. De modo que este TCC

ganhou força e se consolidou através das fontes orais e do contato com os processos trabalhistas, dando a essa experiência dos trabalhadores um lugar privilegiado na pesquisa, já que se trata dos confrontos nas relações de poder e sobre os modos como viveram e vivem certos trabalhadores que trabalham, na atualidade, na construção civil.

As experiências narradas nas falas dos trabalhadores, o fato de terem enfrentado desde criança o trabalho braçal, o restrito contato com escolarização formal, configurou para mim o compartilhar trajetórias, de modo que nas entrevistas analisadas também minha experiência era revisitada, daí pude perceber que o incômodo que me fez lançar os olhos nesse campo de pesquisa estava em mim mais arraigado do que eu mesmo poderia supor. Lembrando-me da colocação de Cardoso,

Para essas pessoas que se dispuseram a conversar sobre suas vidas com outros, o espaço da entrevista é um lugar onde elas se reconhecem e são reconhecidas como sujeitos sociais, que têm histórias a nos contar, que falam dos acontecimentos com a autoridade de quem os vivenciou, mostrando-nos dimensões desse espaço público onde as relações sociais são constantemente reconstruídas. Fazem isto não como passado preservado, relatado no hoje, mas como experiências reelaboradas em nas suas trajetórias de vida que as levam a olhar o passado a partir do que já enfrentaram e foram capazes de construir. (CARDOSO, 2010, p. 47).

Outra fonte da qual fiz uso foi do Jornal do Oeste, nesse caso foi difícil encontrar reportagens sobre a problemática - devido a dificuldade de acesso a todo o acervo do período e à postura que assume sobre a presença dos trabalhadores na cidade. No entanto, como o setor de construção civil tem crescido constantemente, ultimamente tem ganhado destaques nas páginas de jornais, não só em Toledo, mas por todo o Brasil. Notoriamente o Jornal do Oeste, assim como outras produções de caráter jornalísticos e de divulgação de notícias (como o Radar BO e Casa de Notícias), os quais também têm noticiado a respeito.¹

A análise do material da imprensa, tanto do jornal impresso como dos sites de notícia, é pensada a partir do entendimento aproximado com o de Maciel, que mesmo ao analisar outra temática e sua difusão nacional e internacional, aponta que os interesses e o modo como se produz essas notícias interessa na nossa pesquisa. A autora avalia que

¹ O site de divulgação das notícias do Radar BO está disponível em: <<http://www.radarbo.com.br/>> e do Casa de Notícias em: <<http://www.casadenoticias.com.br/>>

A relação entre produção de notícias pelas agências internacionais e sua difusão por meio de jornais locais não pode ser tomada apenas como um dado, uma constatação: ao contrário a natureza dessa relação precisa ser desvendada, tomada como objeto de nossas indagações para apreender sobre intenções e manipulações, tanto da produção das notícias quanto da sua publicação. (MACIEL 2005, p. 21)

Nesse caso nas reportagens analisadas foi possível observar que o jornal nas entrelinhas e às vezes diretamente se posiciona, trazendo impressões sobre os acidentes de trabalho, o treinamento, qualificação e uso dos Equipamentos de Proteção Individual - EPIs - e sobre as irregularidades encontradas nas obras e dos profissionais. Ao observar esses elementos percebi certa intencionalidade por traz das reportagens procurando isentar o empresariado nessa relação e sobre as condições de trabalho. Portanto, expandimos o uso da imprensa e também trabalhamos com os sites jornalísticos que difundiam matérias de Toledo, a partir da publicação no Radar BO², assim como produções nacionais que compartilhavam de nossos interesses de pesquisa.

A pesquisa no sindicato não foi possível efetivar-se, devido às restrições de acesso aos materiais e documentos. Portanto, procuramos outros modos de acessar as lutas e enfrentamentos dos trabalhadores, que não passassem por essa entidade. Assim, os processos trabalhistas foram de suma importância para entender como as empresas se utilizam de práticas informais para conseguir seus objetivos de ter mão de obra barata, enquanto barganha com os trabalhadores a possibilidade de um registro em carteira ou mesmo aumento de salário. Do mesmo que observar as ações dos trabalhadores frente a essas irregularidades, acidentes e confrontações no canteiro de obras.

Para ter acesso a esses documentos foi necessário empreender um trabalho de pesquisa dentro do próprio mercado da construção da civil. Precisei pesquisar quais eram as empresas que prestavam serviços há pelo menos 10 anos em Toledo, algumas já não existem mais e, portanto, a dificuldade em manusear os processos para escolhê-los (principalmente porque não pude fazer isso livremente) fez com que tivesse essa forma de seleção - em que o atendente, diante da solicitação de autos envolvendo trabalhadores e certas empresas, fornecesse alguns processos.

Por isso, foi necessário pesquisar as empresas que atualmente atuam no mercado de trabalho da região e, nesse caso, se sobressaíram, Dalbosco Construtora e

² TRABALHADOR cai de andaime de prédio em construção em Toledo. Radio Educadora/Radar BO, 05/12/2013. Disponível em: <http://www.radioeducadora.com/educadora/ver_noticia.php?not=48287>. Acesso em: 15/04/2014.

Engenharia, Construtora Merano, ADM Engenharia e Construtora Cidade Bella, mas as que mais tinham processos, encerrados ou abertos, eram duas dentre essas que atuavam em Toledo e região.

Como não tive acesso ao arquivo dos processos, consegui acessar esses autos a partir do preenchimento de uma requisição para fins de pesquisa, assim os processos avaliados não foram por mim escolhidos, mas sim disponibilizados pelo atendente que selecionou. Ainda assim, esses processos dinamizaram as discussões que reconhecia como tensas nas relações de trabalho no séc. XXI e que muitos não queriam destacar com tranquilidade nas entrevistas, pois se comparada com as falas dos trabalhadores entrevistados foi possível perceber as relações que se desenvolvem entre empresa e trabalhadores, podendo desde então entender parte do modo como essas relações se desenvolvem, ou seja, cumpre uma dinâmica de reciprocidade enquanto acordo inicial, embora em alguns desses acordos eles sejam extremamente interessantes para a empresa atender seus anseios, traduzidos em exploração e opressão.

Mas, nessa relação, o trabalhador também impõe suas condições, seja ela através de alternativas no canteiro de obras, no confronto judicial, ou abandonando da construtora para o trabalho como autônomo. Ainda assim permanecer na empresa também permite transformar essa relação, pressionando por melhores condições de trabalho e rendimento na área, inclusive por meio de greves e paralisações que ultrapassam a convenção coletiva acordada.

Nosso interesse com o texto foi apresentar a constante luta desses sujeitos em batalhas desiguais, que também passam pelos canteiros da construção civil, problematizando certa compreensão de que esses são trabalhadores que não trabalham, o que muitas vezes justifica as ilegalidades nas contratações e execução de seu trabalho.

No capítulo I trato das trajetórias dos trabalhadores, debatendo com vão se configurando e se transformando ao longo dos anos, debatemos também sobre as experiências que trazem consigo ao adentrarem o campo de trabalho na construção civil.

No capítulo II a discussão diz respeito ao cotidiano que esses trabalhadores enfrentam nos canteiros de obras, as pressões, os perigos e acidentes ao qual estão sujeitos e se colocam, bem como as relações desiguais que se colocam na organização deste trabalho, nos ritmos e contratações neste setor.

Espero que as discussões a seguir permitam entender os significados e a importância que cada trabalhador dá ao lugar que ocupa socialmente, além de propiciar

uma visão menos estereotipada desses sujeitos percebendo que embora atuem em um processo de produção desvalorizado socialmente atribuem um significado de confrontação a esse percepção, apontando as conquistas que conseguiram alcançar a partir da construção civil, e a possibilidade de pertencimento a uma classe social com a qual se identificam.

Espero que também essas discussões contribuam para aumentar o papel que a história possui nas ciências humanas, crescendo e se fortificando como disciplina autônoma espero também que possamos compreender o papel da produção historiográfica enquanto trabalho teórico e empírico, pois buscamos a partir do real, entender o que os trabalhadores que se vinculam à construção civil trazem em suas trajetórias e, a partir deste estudo, espero que possamos conhecer melhor essas relações de poder e quem são esses sujeitos, porque agem de determinada maneiras.

Capítulo I

Trabalhadores construindo alternativas: trajetórias em debate

Os trabalhadores que se movimentam pela construção civil trazem em sua trajetória as marcas de uma experiência dura, onde as lutas cotidianas os levaram a decidir por entrar nesse segmento de trabalho. Muitas vezes, a oportunidade de conseguir uma profissão pela qual o trabalhador seja reconhecido socialmente se apresenta como sendo uma possibilidade de alterar sua realidade.

Para entendermos as relações sociais que alguns dos sujeitos que trabalham ou trabalharam na construção civil mantiveram ou mantêm, devemos estender suas buscas avaliando a experiência que apresentam ao dialogarmos com eles, para assim conhecermos o que eles vivenciaram e enfrentaram ao longo de sua trajetória. Nossa busca se coloca agora justamente a procurar esses indícios nas experiências destes trabalhadores, que enfrentaram realidades distintas, mas que em muitos casos se aproximam e se assemelham diante da condição de classe que compartilham socialmente, nesse caso Thompson (1981) auxilia a uma melhor compreensão das lutas enfrentadas por trabalhadores em suas trajetórias:

Os valores, tanto quanto as necessidades materiais, serão sempre um terreno de contradição, de luta entre valores e visões-de-vida alternativos. Se dizemos que os valores são aprendidos na experiência vivida e estão sujeitos as suas determinações, não precisamos, por isso, render-nos a um relativismo moral ou cultural. Nem precisamos supor alguma barreira intransponível entre valor e razão. Homens e mulheres discutem sobre os valores, escolhem entre valores, e em sua escolha alegam evidências racionais e interrogam seus próprios valores por meios racionais. Isso equivale a dizer que essas pessoas são *tão* determinadas (*e não mais*) em seus valores quanto o são em suas idéias e ações, são *tão* "sujeitos" (*e não mais*) de sua própria consciência afetiva e moral quanto de sua história geral. (THOMPSON, 1981, p. 194).

Esse autor auxilia a compreender como pessoas e nisso homens e mulheres vão se colocando diante das adversidades com as quais se veem inseridos ao longo de sua trajetória, diante disso tomam decisões que ficam como evidência das experiências formuladas nesse percurso. Diante disso, constroem novos valores que vão sendo incorporados enquanto outros são abandonados ao longo de sua vida.

Para esse trabalho o autor contribui para um melhor entendimento das relações, escolhas e contradições com a qual os trabalhadores na construção civil tiveram que tratar, fazendo escolhas, decidindo por certas possibilidades num dado momento, já que permanecer como estava não era mais interessante, assim através da contribuição de Thompson é possível compreender esses sujeitos dentro de uma gama de relações sociais que os pressionam a agir, construindo assim novos valores que serão incorporados ou rejeitados de acordo com a interpretação que os sujeitos tiverem desse seu momento histórico.

Ao analisar a trajetória dos trabalhadores que foram entrevistados percebo que em alguns pontos suas experiências se cruzam, estabelecendo relações e comportamentos semelhantes, pontos comuns, como as movimentações e alternância de locais onde vivem e viveram, o fato de terem começado ainda criança a trabalharem, auxiliando nos afazeres domésticos e nas lavouras, além de não terem a possibilidade de estudar enquanto criança por motivo de trabalho e ajuda à família nos afazeres diários e cuidados com irmãos.

Nesse ponto, a minha trajetória também se identifica com a dos sujeitos entrevistados, pois além de eu ter crescido na roça comecei a trabalhar aos oito anos de idade. Naquele momento, o trabalho era na lavoura e a escola era um objetivo secundário, o principal era a luta pela sobrevivência. Morando no Paraguai e plantando algodão, a família com 11 irmãos, dos quais oito homens e três mulheres, não permitia que todos trabalhassem na roça, pois ainda eram pequenos e esses foram anos difíceis. No início da década de 1990 a chuva destruiu toda a lavoura, deixando um montante de dívidas de financiamentos, meu pai teve que buscar trabalho no Brasil, passou a trabalhar em Foz do Iguaçu como pedreiro para manter a família. Os filhos mais velhos também saíram para trabalhar no Brasil, ficando no Paraguai apenas minha mãe e os três filhos menores.

Meu irmão com 15 anos ficou encarregado da lavoura, eu tinha oito e assim iniciei minha trajetória como trabalhador em serviços braçais. Como observei na trajetória de outros trabalhadores essas experiências também me deram condições para enfrentar os canteiros de obras.

Nisso vejo que esses elementos contribuíram para que construíssemos um percurso de relações sociais e de experimentação de postos de trabalho que nos levaram

a adentrar no segmento de trabalho da construção civil. Assim como vemos no caso de Saulo, que viveu e trabalhou em vários lugares até fixar-se em Toledo:

nasci em Rondônia, depois da separação dos meus pais, eu fui morar com parentes, na época que eles se separaram eu tinha 10 anos, não tinha 10 anos direito ainda, foi no meio do ano, eu tinha nove anos e meio, aí fui mora com um parente, ou outro, fui para o Amazonas com 16 para 17 anos quando fui para o Amazonas, morava com meu tio, fiquei 2 anos no Amazonas, fui para o Mato Grosso do norte, fiquei mais 2 anos, aí vim pra cá em 1998, lá no Mato Grosso morava meio a meio, cidade e campo, vim parar aqui no Paraná através de um tio, que mora aqui e chamô a gente pra vim pra cá e cabei me dando bem aqui.³

Notamos neste fragmento da entrevista que o histórico que apresentou sobre sua movimentação pelo país e as experiências deste sujeito acabaram por possibilitar a capacidade interpretativa do seu passado reconhecendo aí os desafios vividos e enfrentados que o trouxeram a Toledo-PR, onde, segundo ele, “se deu bem”, já que permanece nessa cidade até hoje.

Nesse ponto é importante entender o porquê em sua visão essa historicidade agora lhe sugere estar melhor do que antes, quando morava em outros lugares. Ele nos conta que já trabalhou e morou no Mato Grosso e também no Amazônia, tendo sempre como meta fixar-se nesses lugares para ali viver. As experiências desse trabalhador nos permitem compreender sua constituição enquanto um sujeito que ativamente vai construindo e transformando sua realidade através das escolhas e pressões que enfrenta, muito embora suas ações tenham sempre um leque pequeno de possibilidades. Afinal, era uma criança sendo cuidada por parentes na medida em que os pais foram enfrentar a vida sem ele e separados. A vida com familiares exigia morar por temporadas, com mudanças nem sempre planejadas e harmônicas.

Tentando entender que motivos o levaram a enfrentar uma mudança para um lugar tão difícil para se viver como o "Amazonas", ele nos aponta o seguinte:

o meu interesse era, terra né? Era pegar terra pro meu tio e também pra mim. Ter o meu terreno, essas coisa. Tenho inclusive esta terra, tá lá até hoje, eu liguei pra ele estes dias, a terra tá até hoje, ninguém quis, a terra dele inclusive, tá tudo lá, é 80... 90 alqueire, tá lá na beira do rio, tá lá no mato, até hoje não saiu estrada, pra você ter uma idéia,

³ SAULO (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, Sheille Soares Freitas e Carlos Meneses de Sousa Santos, em 23/09/2012. Toledo-PR.

até hoje... ainda tem que andá 12 quilômetro por dentro dos matos pra chegá lá.⁴

É possível pensar que em suas expectativas naquele momento trabalhar a terra fosse um modo de conseguir autonomia, ainda que indicasse sua aversão ao trabalho rural. Ao se pronunciar sobre esse momento, Saulo dá a entender como ele via o seu momento morando na casa de parentes, para ele significava morar em um lar que não era seu, por isso conseguir a terra poderia ser uma forma de garantir a sua independência além de proporcionar um lugar fixo para viver, já que de vez em quando tinha que morar com outro parente.

Ao tentar a sorte no Pará, adquirindo uma terra para começar algo que fosse seu, essa prática não alterava suas ações rotineiras de trabalho pesado e muito esforço, ao contrário impunha, além disso, permanecer sozinho em um lugar isolado e doente, além das dificuldades em fazer essa terra dar-lhe o retorno esperado. Portanto, esse empreendimento não lhe pareceu tão proveitoso em sua plena juventude, por isso não tardou sua partida do interior das matas amazônicas.

Porém a permanência ou não neste lugar se fez entre as pressões que se apresentaram decisivas nas suas avaliações do que já tinha vivido e esperava viver explicando as motivações para estar nessa região do Pará:

Ah tava muito doente, não tava aguentando mais, malária, muito doente, já tava me acabando, não tava aguentando mais trabalhar, ali, eu trabalhava pros outro ali, eu derrubava mato, com motosserra na época, trabalhei derrubando mato, lá ganhava uns troquinho, só que tinha que ajudá meu tio também, só ganhava dinheiro no período da derrubada, de ano em ano, no mês de junho, começa a derrubá, março, junho... derrubá, pra agosto queimar, é só nessa época. Nesse período, eu empreitava pra derruba, só derrubava pra quem queria plantá, plantá pasto, plantá lavoura, era época da derrubada, se derrubava aquele ano, para o próximo ano prepará a terra, pra o próximo ano cultivá, ali planta o que interessava.⁵

A fala dele além de nos dizer taxativamente porque resolveu sair, sugerindo os problemas constantes de saúde, faz questão de narrar como percebia a sua vida naquele momento, quais eram as atividades possíveis naquele lugar, sendo que essas atividades de trabalho indicavam o modo como era possível sobreviver, ganhando dinheiro na derrubada e guardando esse dinheiro para os custos do resto do ano, já que o trabalho

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

para o tio não era considerado um ganho significativo, principalmente porque esse era o compromisso assumido por ser o parente que o levou para aquela empreitada era o acerto moral pelo pagamento da terra, da viagem, estadias anteriores e parceria no "Amazonas".

O trabalhador optou por sair, mudou-se para o Mato Grosso, porém tenta mais uma vez uma voltar a morar com a mãe, no entanto é algo que não ocorre, já que ela estava por mudar-se para Santa Catarina com seu novo marido, sendo esse um dos fatores que o motivaram a ir e permanecer em Toledo, como ele traz em sua narrativa.

Nunca tem como a casa da mãe né, eu fiquei um ano e oito meses, praticamente quase 2 anos no mato grosso. Dai eu trabalhava em fazenda. Fazendo cerca, essas coisas, roçando pasto, era em Guarantã do Norte, divisa com o Pará lá, eu morava na cidade e trabalhava na fazenda... pras pessoas da fazenda lá. Ficava a semana, todo final de semana vinha pra casa. Aí eu tava no Mato Grosso, minha mãe veio embora para Toledo, eu fiquei na casa da minha vó, minha vontade, eu queria... eu tava pensando em ter a minha família, entendeu? Tava enjoado desse negócio de andar pra lá e pra cá, sabe como é que é né? Quem já passô, sabe que não é fácil.⁶

Podemos perceber que Saulo quer nos dizer que embora tenha passado por uma infância difícil vivendo com parentes, ele tinha consciência de sua situação e, portanto, estava lutando para transformá-la. A constituição de uma família seria a segurança de fixar-se em um lugar, ter sua casa e não depender mais de familiares. Nesse sentido, o trabalho na construção se apresenta como uma possibilidade de estabelecer-se em Toledo, garantir sua sobrevivência e, além disso, possibilitar o estabelecimento de relações que se objetivaram na sua fixação como profissional da construção civil.

A trajetória de Saulo não é um caso isolado, como veremos na narrativa de Marcelo que, assim como Saulo e outros trabalhadores da construção civil, começou a trabalhar quando criança fato esse que deu condições para aceitar grande parte das condições de trabalho como pedreiro.

As experiências dos trabalhadores que exercem atividades na construção civil em alguns aspectos se aproximam pela condição de classe comum, a experiência de trabalhar no campo, procurando tornar-se pequeno proprietário, lutando para angariar um pedaço de terra para se fixar e sobreviver, ou mesmo percorrendo postos de trabalho com condições e ritmos intenso e com baixa monetarização.

⁶ Ibidem.

Outro fato é o de começarem a trabalhar quando criança, auxiliando nos afazeres domésticos, como é o caso de seu Marcelo, que começou desde cedo a ajudar na plantação de verdura e a cuidar dos animais que possuíam no sítio onde moravam:

eu nasci em Laranjeiras do Sul-PR, e lá a gente trabalhava com agricultura né? A gente ia colhê na roça, trabalhava bastante, mais pra sobrevivência. Mais vendia muito pouco, ai criava porco, outra coisa assim pra sobrevivê. Ai aos 8 ano a gente veio aqui pra Toledo-PR, e aqui a gente continuo né? Mexendo com verduras, ai meu pai vendia verdura, daí a gente foi trabalhando, trabalhando, vendendo verdura a gente entregava de bicicleta.⁷

Seguindo a trajetória deste trabalhador observamos que como muitos outros ele tem origem no meio rural e a experimentação do trabalho se deu muito cedo, trabalhando em um lugar bastante inóspito, desde pequeno enfrentou adversidades que ao longo do tempo deu condições de não sentir estranheza em um ambiente como o da construção civil, que exige força, exposição ao tempo, poeira e os riscos com ferramentas de trabalho, além da inconstância com os ganhos com essa condição.

O canteiro de obras é um local onde durante o dia o trabalhador pode exercer várias tarefas e funções, principalmente no caso do servente. Como a maioria dos pedreiros passou por essa experiência é de se compreender que quando Marcelo entra nessa atividade, ele conhece o que poderia vir a enfrentar.

Em uma análise sobre as condições do servente e as atividades exercidas por esses trabalhadores no Brasil, Santos e Barros (2011) buscam delimitar o lugar social do servente nos canteiros de obras, os autores demonstram com suas observações sobre as relações de trabalho desenvolvidas dentro de um canteiro de obras, como elas podem ser onerosas para esses trabalhadores:

Tivemos a oportunidade de presenciar serventes e outros operários carregando latas de concreto nos ombros para o enchimento de pilares no terceiro andar de uma obra, fase em que o elevador de carga e a grua (guindaste) ainda não haviam sido locados. Como o concreto tem um tempo limitado de validade entre a usinagem e a aplicação, chama a atenção a correria e o nível de esforço e desgaste exigido dos trabalhadores para a execução da atividade.

Observamos com mais atenção a atividade de um servente escalado para, no contexto descrito, receber dos colegas todas as latas de concreto e transferir seu conteúdo para o preenchimento das formas de

⁷ MARCELO (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 01 de junho de 2013. Toledo-PR.

um pilar. Ele se posiciona em uma plataforma montada sobre um andaime, a 2 metros de altura da laje, bem na extremidade desta, a uma altura de aproximadamente 8 metros da base do prédio. As latas são colocadas por outro servente no tablado de madeirite sobre o qual ele se encontra. Um terceiro servente é responsável por levantar cada lata do chão, que tem o peso de 45 kg, e passá-la para o primeiro despejar o concreto dentro da forma. A lata é por ele girada na altura da sua cabeça, sendo encaixada por entre as ferragens do pilar. O trabalhador bate a lata virada na forma para que o concreto remanescente se solte do fundo da lata. A lata vazia é colocada no chão e outra lata cheia já chega às suas mãos. O servente mal tem tempo para tomar fôlego e observar a longa fila de colegas com latas nos ombros, latas que ainda passarão por suas mãos. Nesse processo, uma boa quantidade de concreto respinga para todos os lados, atingindo o ambiente, a roupa, braços e também o rosto dos trabalhadores. Encontra-se ao seu lado um quarto operário, este um oficial, responsável por “vibrar o concreto”, isto é, introduzir na massa já despejada dentro da forma do pilar um aparelho vibrador necessário para o correto assentamento do concreto e a prevenção da formação de bolhas de ar. Esse aparelho produz um ruído incômodo, alto e constante. Soma-se ao contexto a indumentária exigida ao funcionário. (SANTOS e BARROS, 2011, p. 245)

Esse fragmento no permite pensar que o trabalhador que se propõe a esse tipo de trabalho, deve estar informado do que possa vir a enfrentar, mas para Marcelo, assim como para Saulo esse campo de trabalho se caracterizava como possibilidade de alterar sua condição de classe, bem como transformar a realidade social da qual fazia parte.

Como dito acima Marcelo tinha noção do que o trabalho na construção poderia significar, e mesmo assim optou por enfrentá-lo. Mas para entendermos melhor sua trajetória é necessário recuar um pouco e entender como a renda familiar era composta até então e como se configurava, naquele momento, o leque de alternativas de trabalho que observava como possível.

A construção civil era vista como um campo de possibilidades e de melhorias em sua condição social, que permitiu o pai parar com tanto trabalho que exercia "desde criança", sugerindo as alterações que devem ser valorizadas ao mudar da "agricultura" para o tempo na "cidade":

A agricultura era mais pra sobrevivência né? Nada pra vendê, por ser muito dobrado as terra lá né? Então era tudo na enxada mesmo, no arado de boi, cavalo, tudo assim né? Então, isso foi bastante tempo pra pode construir alguma coisa, porque a gente tudo que colhia tratava os animal, ai o que vendiam mais era os animal né? O pai vendia

porco, esses negócio ai, pra sobrevivê. Desde criança o meu pai já trabalhava na roça, agora não, depois dos 50 ele não trabalhou mais.⁸

As terras ruins para plantio possibilitavam apenas uma agricultura de subsistência e a renda da família vinha através da venda de animais. Esta atividade, que ele nos aponta, se dá dentro de um âmbito de pequena circulação e venda de animais, isso ocorre no início da década de 1980, portanto vendia na cidade diretamente para os mercados e açougues, ou seja, era uma atividade bastante restrita, mas que garantia a manutenção da família.⁹

Ao falar sobre a vida de seu pai, ainda que resumidamente, podemos entender que o trabalho era comum para todos, dizendo que “desde criança, o meu pai já trabalhava lá na roça”, podemos entender que a atividade na agricultura costumeiramente se ocupa de muitos braços, de modo que para manter as lides da propriedade sem contratações, exige que essa prática se mantenha como rotina entre adultos e crianças mais jovens da casa.

Nesse sentido, ele nos indica o motivo por terem saído de Laranjeiras do Sul e tentarem se instalar em Toledo, embora a mudança de lugar não tenha sido necessariamente para trabalhar na construção civil, o que vai ocorrer algum tempo depois, frente a outras pressões:

Meu pai mudou para Toledo pra dá uma vida melhor pra nós e pra ele, porque lá não tinha uma expectativa de vida, tipo assim, subi de situação, então, aí veio pra cá. O pai trocou 25 alqueire e uma quarta de terra lá por três chácara aqui, as três chácara não dava um alqueire de terra, ai todo mundo falô que o pai era loco fazê esse negócio aí e tal, depois de passá uns dois, três ano, se vendesse uma chácara [em Toledo] dava pra comprá 25 alqueire [em Laranjeiras do Sul] e sobrava dinheiro. Porque lá não valia muito. Aí passamos a trabalhar com verdura porque a chácara era pequena pra gente, nos éramos em quatro irmãos e mais duas irmãs, e nós tínhamos que ter renda pra sobreviver. Daí a verdura a gente entregava no mercado e nas lanchonete... sobreviver... e com o passar do tempo, aí a gente foi crescendo e foi saindo, meu irmão se casou e saiu de casa. Aí eu também saí, daí os meus pais se aposentaram e cada um foi fazê a vida. Aqui meu pai também vendia terreno na Coopagro, ele comprava e vendia, e assim até ele se aposentá, depois ele se aposentô. Até hoje ele não sabe o que é mais serviço, e daí a gente,

⁸ Ibidem.

⁹ Os pais de Marcelo eram os donos da terra, 25 alqueires, no entanto ela era difícil de ser trabalhada, pois era considerada “terra dobrada”, em forma de ladeiras, por isso o que se plantavam era mais para o consumo da família e para sustento dos animais (porco galinha e duas ou três cabeças de gado), para que esses fossem vendidos na cidade. Uma ou duas vezes por ano, conforme nos indicou.

meu irmão virô caminhoneiro, fez os dezoito ano, e daí eu comecei a mexe com construção civil.¹⁰

A mudança de local de moradia não é só um percurso alterado, está carregada de significados, embora as atividades econômicas inicialmente tenham permanecido basicamente as mesmas, a diferença está na forma de produzir e para que produzir, se em Laranjeiras do Sul se produzia para tratar os animais para depois vendê-los, em Toledo era totalmente diferente, se vendia diretamente a produção, ou seja, as verduras tinham mercado e conseguiam ser produzidas em número significativo.

Nisso foi se logrando o êxito naquilo que foi o objetivo principal que fomentou a mudança, isto é, melhorar as condições sociais e econômicas da família, ou seja, configuravam-se melhores condições de vida para os sujeitos envolvidos nesse processo. Uma vez que para manter-se uma família com seis filhos não seria fácil naquela primeira forma estabelecida na propriedade de 25 alqueires, mesmo configurada a subsistência familiar.

Em dois anos o risco daquela decisão se apresentava como um acerto frente às pressões, a valoração das terras em menor volume indicou que conseguiam prover maiores ganhos, indicavam que a mudança foi importante para essa reorganização das relações familiares e planejamentos futuros, como casamentos, sair da casa dos pais sem o pesar de soar como abandono e vê-los aposentados e destacar que desde então não precisaram retomar o trabalho, o que seria visto como desajuste para a manutenção desse momento de "não trabalho" merecido.

Em um ambiente onde o panorama de pressões já era totalmente outro, diferente daquele da infância, pois basicamente o sustento estava garantido, a pequena chácara garantia a subsistência por isso a possibilidade de aventurar-se em outros campos de trabalho, talvez já não assustasse muito esses sujeitos, tanto que enquanto um vai para o ramo dos transportes, como caminhoneiro, o outro começa trabalhos nos canteiros de obras. Neste ponto é importante compreendermos que nem uma atividade e nem a outra são atividades fáceis de exercer, no entanto não assustam esses trabalhadores, nisso entendo que a trajetória que possuem influencia diretamente para a permanência ou não nesses setores, assim como a relação dessas atividades faz parte de suas condições e possibilidades, o que influenciou nas decisões a serem tomadas naquele momento.

¹⁰ Ibidem.

No caso de seu Marcelo ele permanece por um ano e meio na construção civil, depois tenta também como caminhoneiro, porém a necessidade de permanecer muito tempo fora de casa e longe da família não o agrada como bem destacou em nossa conversa e, por isso, retoma as atividades de pedreiro, na qual permanece a mais de vinte anos, ele nos fala sobre algumas conquistas que conseguiu obter através do trabalho na construção, como construir uma casa para morar, e algumas casinhas para alugar de aproximadamente 50 metros quadrados.

Agora acabando de construir essa aí, daí eu paro... pra mim não quero mais sabê de construir mais, porque você fica muito enforcado né? Construindo pra gente aí, ó, apesar que é um patrimônio bom, em dez anos aí construí quatro casinha germinada e mais esse, levantei esse sobrado aí, então tem que fechá a mão porque senão você não faz nada não. Construí essas casinhas pra alugar, tudo pra aluguel, é meu pé de meia pro futuro. Essa renda aí é pra despesa da casa, aí o que eu ganho é pra construção, porque daí, das casa dá o rendimento pra se manter e o que a gente ganha [é] pra construir... e assim vai indo.¹¹

A trajetória de Marcelo aponta a construção como um a possibilidade de melhora no começo da sua juventude porém agora com 52 anos de idade já não é mais tão interessante, o vigor físico já não é mais o mesmo de 18 anos. Assim a partir de 2012 ele deixa de trabalhar em empresas para trabalhar por conta, somente com acabamentos, pois o serviço é mais leve e sem a pressão de ter que produzir para cumprir metas e o ganho é maior, por ser acabamento.

Além disso, em sua fala, ele aponta a construção das casinhas de aluguel como sendo uma segurança uma renda extra, e isso não apenas pensando como uma aposentadoria, mas também como uma garantia de renda, caso sofra algum acidente de trabalho. Esses são os modos que os trabalhadores vão construindo alternativas e pensando em possibilidades, ainda que vinculado a determinadas condições de trabalho indesejadas até que possa tomar decisões contrárias a esse realidade, mas o caminho para decidir é ter produzido alguns campos de segurança e de apoio para tais enfrentamentos.

Desta maneira há uma aproximação entre os incômodos que acompanha os trabalhadores na construção civil. Como vimos na trajetória de seu Saulo ele também vai buscar no curso para mestre de obras uma forma de fugir das tarefas mais exaustivas dos canteiros de obras, vejo que essa é uma prática que possibilita ao trabalhador agir e

¹¹ IBIDEM

sair de um lugar social para ocupar outro ainda que esses estejam ligados no mesmo sistema, em que só realizar o curso não garante a todos as mesmas realizações e, muito menos, uma alteração na sua condição.

Para uma melhor compreensão das experiências vividas por esses sujeitos analisaremos ainda a trajetória de outro trabalhador, embora este seja mais jovem e esteja com 31 anos podemos ver em suas experiências aproximações e incômodos que são comuns a outros trabalhadores que enfrentam a rotina dos canteiros de obras.

Luis é um pedreiro que acerca de dez anos está envolvido com a construção civil, embora em alguns momentos tenha saído desse segmento de trabalho e retornado, o que também é comum para muitos outros trabalhadores, pois avaliam que neste momento seria mais interessante deixar esse ramo de trabalho e buscar outras alternativas, e isso não se deve exclusivamente a instabilidade do mercado, mas sim como o trabalhador avalia esse momento e decide procurar outro meio de conseguir a sobrevivência.

Observamos que o trabalhador que muitas vezes deixa a construção e posteriormente retorna é por consequência de suas ações e interesses, além das pressões sociais que agem sobre esses trabalhadores (melhores salários, maior empregabilidade etc.). As necessidades que se fazem presentes, no dia a dia, as preocupações com filhos, a possibilidade de consumir, também auxilia no processo de volta à construção civil. O próprio mercado de trabalho nesse setor possibilita essa movimentação, observamos que, na atualidade, pelo fato desse mercado ter muito fomento governamental, isso dá certa segurança para o trabalhador para sair e voltar, frente ao grande número de vagas abertas e, nesse sentido, veja o que diz o entrevistado:

[o] trabalhador porque nessa época, 96, 97, 98 por aí, naquele tempo a construção civil não era da situação que é hoje né? Então, porque nesse tempo que eu sai da construção civil eu já tava morando em Cruzeiro dai nessa época, ai como lá a construção civil nesse tempo era bem fraco, tinha um tempo que tinha mais, tinha um tempo que tinha menos, ai nois foi corta uma cana daí né?¹²

Portanto, o significado de deixar a construção civil no final da década de 1990¹³ tinha um significado de buscar outras atividades que desce estabilidade, ou seja, a

¹² LUIS (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 27 de janeiro de 2013. Toledo-PR.

¹³ A comparação feita pelo trabalhador aponta que a construção civil no final da década de 1990 não era como hoje, faz menção à quantidade de obras e o fomento desse mercado cresceu largamente a partir do

garantia da sobrevivência, pois mesmo o trabalhar como cortador de cana aparece na fala do trabalhador como sendo um recurso que, naquele momento, apresentava-se como uma saída para a irregularidade e incertezas da construção civil. No entanto, o que se configura na atualidade é que embora o mercado esteja mais aquecido, quando tem uma oportunidade melhor de trabalho, esses sujeitos acabam abandonando a construção e se dedicando a outras atividades.

Nisso vemos que não é o mercado que regula a permanência ou não desses trabalhadores, ele interfere, mas a forma como esses trabalhadores leem o social é que motivam decidir por abandonar, ou mesmo voltar à construção civil.

é totalmente diferente né? Você sai de uma construção civil você tem, vamos te dizer assim um horário, no corte de cana você também tem um horário, só que na construção civil, geralmente se você é um servente, se você é um meio oficial, se você é um pedreiro, no caso, o mestre de obra ele te passa o serviço e ele sempre tá ali acompanhando você, te orientando. No corte de cana é diferente tem um fiscal, fiscal de manhã cedo, e depois quando vai acabando o seu dia, você vai mostrando e vai medindo, então o corte de cana é um serviço que você é o seu patrão, e você ganha por aquilo que você faz, quanto mais você trabalha, mais você ganha, quanto menos você trabalha, menos você ganha. Na construção civil já não é isso, já tem um salário fixo, e o teu encarregado, ou mestre de obra ele consegue desenvolvê o trabalho com você lá, que ele quer que você faça.¹⁴

Por essa narrativa podemos perceber que o trabalhador, faz um balanço entre os dois trabalhos, em pequenos fragmentos da fala é possível entender que existem alguns aspectos no qual ele avalia positivamente bem como outros no qual se demonstra desfavorável, quando ele diz que no corte de cana “você é o seu patrão” nos indica que as relações de trabalho são mais flexíveis que na construção, pois o trabalhador ganha por produção, da a entender que se o cortador de cana não estiver disposto a trabalhar exaustivamente nem ira cobrar-lhe isso, entretanto não é o que se verifica efetivamente uma vez que o valor pago por metro quadrado no corte de cana é baixíssimo o que por consequência obriga o trabalhador a labutar exaustivamente todos os dias.

Outro ponto importante sua fala reside na questão de com as tarefas são executadas, no corte de cana, o fiscal de oito mostra o lugar onde o sujeito vai trabalhar,

início século XXI, principalmente com a implementação de financiamentos por parte do governo em programas como o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e programas sociais como "Minha casa, minha vida", que deram uma nova dimensão à indústria da construção civil no Brasil e a empregabilidade de trabalhadores nesse ramo.

¹⁴ LUIS (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 27 de janeiro de 2013. Toledo-PR.

e vai cuidar de outros assuntos, a pressão se dá de formas diferentes pois ele só ganha sobre o eito de cana que derrubar, por isso, o trabalhador, se vê obrigado a executar essa tarefa exaustivamente, pois sabe que se não cortar muita cana o ganho será pouco.

Já na construção a pressão sobre o trabalhador se configura de maneira diferente, se trabalha sem registro na diária, o ganho é combinado antes, se registrado com o salário mensal, este é definido anteriormente. Porém embora isso já esteja acertado, a pressão sobre o trabalhador se faz na figura do mestre de obras ou do engenheiro, o mestre de obras cobra o rendimento diário enquanto que o engenheiro está sempre ali para lembrar que a obra tem um prazo para ser entregue.

Embora Luis não deixe isso evidente em sua fala, usando os termos orientação, para as dicas do mestre de obras, entendo que isso se caracteriza de um modo a pressionar o trabalhador, pois o encarregado da obra está a todo o momento observando o trabalhador e o rendimento de seu serviço, por isso ele diz que o mestre de obras consegue “desenvolver um trabalho”, ou seja, a figura e a presença do mestre de obras já causam pressão nas relações que se desenvolvem dentro do canteiro de obras e força o trabalhador a executar suas tarefas.

Nos últimos três anos Luis permanece na construção civil, na qual agora já tem carteira registrada como pedreiro, sendo assim vale dizer que embora atualmente esses sujeitos estejam trabalhando neste segmento não quer dizer que isso seja permanente, pois de acordo com as necessidades e as possibilidades que se apresentarem, poderão deixar esse trabalho e se dedicarem a outras atividades.

Fazendo uma avaliação geral da trajetória de Luis, percebo uma proximidade com as outras entrevistas analisadas acima. Nascido na cidade de Maringá-PR, o entrevistado enfrentou o divórcio dos pais ainda pequeno e a partir daí passou a viver um pouco com o pai e outro período de tempo com a mãe, mediando esses intervalos com outros parentes. De imediato, isso pode não representar muito, porém se refletirmos mais profundamente percebemos que, por não ter um lar fixo acabou sendo cerceado de alguns direitos sociais que deveria possuir como criança, o principal deles é não ter acesso a escolarização formal e ter que trabalhar para justificar seu acolhimento.

A baixa escolaridade é muito comum dentre aqueles que trabalham nos canteiros da obras, pois mesmo os jovens que entraram nesse segmento de trabalho abandonaram os estudos muito cedo, ou nem mesmo se lembram se o começaram um dia. Pois o trabalho pesado durante o dia tira as forças e o vigor para enfrentarem uma sala de aula

durante quatro horas e meia no turno da noite. Além disso, a própria presença em sua pele, roupas, cabelos e unhas dos restos de cimentos, cal, tinta e a sujidades que expressam em qual atividade se ocupava o dia todo, cria um desconforto sobre o que não for ocultado do convívio mais amplo ao sair dos tapumes da obra ao final do dia.

Essa ocupação é entendida e vivenciada pelos trabalhadores de maneiras distintas, como vemos na trajetória de alguns deles, para Saulo a construção se apresentou como um meio para conseguir um lugar social, além de permitir que ele se fixasse em Toledo e formasse uma família. Marcelo vê na construção a possibilidade de trabalhar sem ausentar-se de casa e da família, por isso escolhe a construção, na qual ainda continua após vinte anos. Já para Luis, a impossibilidade de estudar, de formar-se em outras áreas e o próprio envolvimento com drogas fez da construção civil, que era apenas um modo temporário de conseguir a sobrevivência, o seu ponto de segurança para empregar-se mais rápido, transformando seu contato com a construção mais duradouro. Embora ele tenha saído desse ramo várias vezes, quando é preciso, ele volta. Porém não está tão fixado quanto os outros.

Luis teve na construção civil o seu primeiro contato com o trabalho. Isso ocorreu ainda na adolescência, porém as necessidades que se apresentaram, de ter que trabalhar para ajudar a complementar a renda da família não deu muitas opções para os estudos, tendo que trabalhar para ajudar nas despesas da casa. Sobre essas pressões nesse momento da adolescência foi o ponto crucial para que ele entrasse no mercado de trabalho e principalmente em contato com o trabalho na construção civil, o que ele nos conta da seguinte forma:

minha mãe sempre trabalhou na lavoura, tipo assim, vamos dizer que ela era boia-fria. Eu estudei um tempo, mas como a minha mãe e meu pai era divorciado, daí um tempo eu ficava com o meu pai, outro tempo fiquei com a minha mãe, entendeu? Quando eu morava com meu pai eu tinha 7 anos, daí sempre nesse intervalo... sempre eu tava em Borrasópolis-PR, onde meu pai mora agora, no outro tempo eu tava em Cruzeiro-PR, sempre assim. Eu comecei trabalhar assim com 17 anos. Minha primeira atividade no trabalho, na verdade, foi na construção civil em Maringá-PR. Naquele tempo a construção civil não era da situação que é hoje, geralmente o pedreiro, naquela época final dos anos 1990 andava de bicicleta, nem de carro, nem de moto, nada! Daí como eu conhecia um rapaz, ele pegava o serviço, ele me chamô pra trabalhá com ele, eu ia trabalhá com ele. Eu conhecia o cara, que no caso era meu patrão.¹⁵

¹⁵ Ibidem

Do mesmo que nas condições apresentadas por outros entrevistados, as primeiras impressões de Luis sobre o trabalho se aproximam das de seu Saulo e de Marcelo sendo que as dificuldades dos trabalhos na lavoura não lhe eram estranhas, já que sua mãe trabalhava como boia-fria. Nisso podemos perceber que a construção se apresentou como alternativa de trabalho viável em relação a trabalhar nas lavouras, algo que considerava uma atividade pior e que não tinha agrado em exercer.

Quando Luis nos diz que “Naquele tempo a construção civil não era da situação que é hoje, geralmente o pedreiro naquela época andava de bicicleta, nem de carro, nem de moto” ele indica que a opção seguida naquela época não era fácil, o ganho era pequeno, portanto, era um trabalho difícil e que não era muito rentável. Entretanto, ele acabou aceitando, o que podemos deduzir que num campo de relações sociais onde o estudo já se colocava como um fator importante para se entrar no mercado de trabalho, trabalhar informalmente na diária como servente poderia sim ser a possibilidade mais plausível e a escolhida para quem iniciava atividades.

Como o dono da obra era seu conhecido parece que surge aí um pequeno laço de confiança, que também pode ter influenciado esse sujeito aceitar esse trabalho. Muito embora tenha entrado nesse ramo, não permaneceu por muito tempo, já que ao mudar-se em definitivo para Cruzeiro do Oeste-PR no início do ano dois 2000, Luís se deparou com outras realidades, mudara-se para ficar com a mãe, que a tempo já residia neste lugar, portanto vemos que a decisão de mudança não veio apenas pelo fator econômico, mas pelas relações familiares.

No campo do trabalho foi necessário compreender a dinâmica do lugar e a partir daí pensar que direção tomar. Como muitos com quem convivia aceitou trabalhar no corte de cana, que nesse momento se apresentava como o maior empregador, já que na pequena cidade a construção civil era mais fraca que em Maringá. Luis nos diz o seguinte sobre o trabalho como cortador de cana:

O cortador de cana dependendo a região que ele vai trabalha igual eu trabalhava em Santomé, pra frente um pouco ali de Cianorte eu saia de casa cinco horas da manhã, para fazer o trajeto, dentro do tempo, chegava na roça sete horas, trabalhava, parava três e vinte e cinco da tarde, chegava em casa cinco e meia, seis hora. Todo dia. Então, era um serviço assim... muito corrido, muito sofrido, porque você imagina aí você trabalha nesse sol quente aí...é muito complicado. A cana é um serviço bruto, mais o que animava era os companheiros, sempre se tava ali brincando, dando risada. Então, eu costume dizer assim, que o

brasileiro ele não ganha pra sê um comediante, mas ele é, ele é um vitorioso, porque das dificuldades ele faz alegria, então não era fácil assim... mas os companheiros eram bons de lida, a gente tinha uma boa relação, os chefe, os cara... Os fiscais eram gente boa, que podia lidá. A usina também assim era muitas vezes parceira, muitas vezes não era, mas era bom de lidá também... assim, tirando assim que eu acho que o corte de cana hoje ainda só tiro aí o sinônimo do serviço escravo, mas continua a mesma coisa, é um serviço de carteira registrada, mas é um serviço escravo ainda, costume dizê aí, um serviço escravo ainda no século XXI, mas tirando isso aí dá pra vivê.¹⁶

Podemos observar que na fala do trabalhador há um sentido de denúncia das condições sociais e de trabalho que se estabelece nos campos de corte de cana, além da necessidade de demonstrar como o trabalho é difícil. Isso aparece na fala sobre o local de trabalho, a dificuldade em acessar esse local, o tempo do trabalhador dedicado a essa atividade, pois deve sair de casa as cinco da manha e somente retornar por volta das dezoito horas. Nisso podemos avaliar o constrangimento em aceitar essa condição, essa visibilidade social, de um trabalho que não era valorizado e que o ganho era pouco.

Contraditoriamente, ele destaca elementos que fazem o "dá pra vivê" seguir adiante, o que faltava de reconhecimento por parte dos patrões, aparece assim como laços de amizades, o relacionamento com os companheiros de trabalho, que de alguma forma, dava força para enfrentar a labuta diária, e levar a dificuldade do trabalho na brincadeira. Algo que fazia com que não só Luis, mas muitos desses trabalhadores desviassem de si mesmo o peso que o trabalho forçado exercia sobre ele.

Na verdade somente o fato deste trabalhador caracterizar esse ramo de trabalho como escravo nos mostra o quanto há um sentido de denúncia sobre as condições e relações de trabalho estabelecidas, mesmo com trâmites legais. Portanto, Luis como outros trabalhadores que circularam ou circulam na construção civil, demonstra como o sujeito vai se transformando ao longo de sua trajetória, na verdade os processos pelo qual passou lhe deram condições de enfrentar certos limites e pressões de sua condição de classe e, ainda assim, ponderar sobre suas decisões - permanecer no corte de cana ou tentar buscar outra forma de trabalho, o que de fato aconteceu.

Voltar a trabalhar no canteiro de obras pareceu ser uma opção favorável e segura, pois o trabalho seria de carteira registrada, por isso, em 2007, aceita a proposta. No entanto, o trabalho seria em outra cidade, em Toledo-PR, onde contaria apenas com um amigo que estaria na condição de patrão, sem parentes que pudesse lhe dar algum

¹⁶ Ibidem.

suporte, ele contaria apenas com seu amigo-patrão. A escolha feita foi aceitar a oferta e mudar-se para Toledo como ele mesmo nos conta.

Ó parente meu aqui não tem ninguém, eu vim aqui porque eu tinha um amigo em comum, né? Esse amigo em comum ele tinha, ele tava abrindo uma firma de construção civil, e eu vim pra trabalhar com ele. Ó quando eu cheguei em Toledo eu já vim pra registrá, ser registrado, agora assim o que eu, o que eu vejo assim na diferença é dum ex-cortador de cana, vamos dizê assim, que um cara que trabalha na construção civil hoje a diferença é muito grande, porque se eu voltasse agora, e fizesse uma, uma como se fala... uma avaliação, nesse tempo que eu tô em Toledo e naquele tempo em que eu tava em Cruzeiro, ali trabalhando na usina, a diferença é muito grande, hoje se eu tivesse em Cruzeiro trabalhando no corte de cana eu não tinha perspectiva de vida nenhuma, ia ser mais ou menos aquilo mesmo, trabalha pra comê. Minha família (minha esposa e meu filho) ia tê que vivê com mínimo do mínimo e se você começa fazê hoje uma avaliação você faz uma comparação, aí você vê hoje, pega um pedreiro a sete ano, oito ano atrás, ele andava de bicicleta. Se você pega um pedreiro hoje, já tem o seu carro, tem sua casa e se você voltá na cidade de Cruzeiro do Oeste, ou qualquer região, você vai pegá o mesmo que tinha começado corta cana 7 anos atrás ele vai tá na mesma coisa, e não foi nada pra frente, é a mesma coisa.¹⁷

Podemos observar na fala do trabalhador uma necessidade em mostrar que na sua avaliação seu momento atual como trabalhador da construção civil vai além das necessidades básicas de subsistência, mas entra também num âmbito de pertencimento, de sentir-se incluído na sociedade ele vê isso sendo possível num trabalho de carteira assinada, num primeiro momento, e depois com a possibilidade de ver mudanças na sua vida de não "tá na mesma coisa".

Tudo isso nos leva a compreender também o valor que é dado por essa ação assertiva que tomou, que hoje pode avaliar assim. E ingressou no trabalho como servente trabalhando na diária, no corte de cana não tinha um salário fixo, logo a alternativa de se trabalhar com carteira assinada na construção civil apontou para um novo campo de possibilidades, mesmo que o trabalho fosse desgastante e indicasse permanências das relações anteriores, dentre algumas mudanças.

Ao retomar os caminhos que percorreu entre o corte de cana e a construção civil, Luis faz de tudo para mostrar como sua escolha foi acertada, para isso faz uma comparação entre os dois modos de trabalho sendo que para ele trabalhar na construção lhe deu uma perspectiva de vida, ou seja, pode fazer planejamentos como o de comprar

¹⁷ Ibidem.

um carro ou uma moto. Nisso podemos entender que embora o trabalho na construção seja pesado, truçulento em muitas vezes exaustivo, sair dele ou permanecer nele, é sempre uma escolha do trabalhador, ou seja, o sujeito é sempre ativo e modifica sua trajetória de acordo com as necessidades, possibilidades e perspectivas que se apresentam, seja no sentido da permanência ou do abandono deste tipo de trabalho.

A partir da trajetória e das escolhas que os trabalhadores fizeram, noto que, embora haja uma movimentação de saída e volta para o trabalho na construção civil vejo que, permanecer nesta atividade acaba se tornando consenso entre esses sujeitos. Mesmo que busquem modos para transformar suas relações com o trabalho, para que seja mais fácil de ser executado, boa parte desses trabalhadores veem atualmente na construção um meio de conseguir sobreviver, nesse sentido é importante compreender, que a trajetória desses trabalhadores, deixou evidências de uma vida dura e incerta.

Por isso entendo que embora a construção seja uma atividade de extrema complexidade, para se fixar nela, é possível perceber que mesmo trabalhando, com riscos constantes, esses sujeitos se identificam pelo que fazem, o modo como uma obra é executada, fazer um bom trabalho, uma construção bem acabada, é interpretada por esses sujeitos como uma identificação com seu trabalho é um modo de demonstrar que ele é qualificado e pode alterar a visibilidade negativa do trabalhador em construção, dessa parte da classe trabalhadora.

Para muitos desses sujeitos estar ligado a essa profissão significa ter uma vida digna, o trabalho proporciona uma mínima segurança para a família, muitos buscam dar aos filhos algo que eles não tiveram, como acesso a educação escolar, a possibilidade de comprar um brinquedo, ou mesmo roupas e calçados, conseguir ter uma casa, um carro, são elementos que os levam a optar atualmente por permanecer na construção. Como aparece na fala de Saulo

Eu casei praticamente não tinha nada, tava pagando aluguel, entendeu, mas tudo vai da pessoa se entende né, da moça e do rapaz, parte daí do interesse um do outro, se gosta mesmo ou não, fui morar aqui em baixo no bairro mesmo, o aluguel era tranquilo, nunca passei bem dize assim, apurado, entendeu, de eu ter que deixar de pagar aluguel, deixar de comprar isso e aquilo não, pra mim foi tranquilo, nem ficar sem trabalho, nunca faltou trabalho.¹⁸

¹⁸ SAULO (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, Sheille Soares Freitas e Carlos Meneses de Sousa Santos, em 23/09/2012. Toledo-PR.

Nesse caso vejo como o trabalhador está inserido no cerne de uma sociedade capitalista, consumista, que o explora nas relações de trabalho. d que ele se insere. Dentro dessa estrutura ele é um sujeito com relações de poder e familiares que o norteiam a se posicionar e construir expectativas, ele esta inserido em uma dinâmica que ora lhe permite avançar ou retroceder de acordo com as relações que estabelece.

Como muitas obras estão situadas no centro da cidade e o trabalhador mora, quase sempre, nos bairros mais distantes, isso por si só já dá um panorama de como essas relações com a própria cidade é de modo desleal, pois o trabalhador constrói casas e apartamentos, mas ele, muitas vezes paga aluguel e não desfruta de boas moradias.¹⁹ De alguma maneira isso se caracteriza nas forças capitalistas de exploração, elemento esse que faz o trabalhador exigir para si o reconhecimento negado pela sociedade como vemos novamente na fala de Saulo

eu penso assim, na construção civil, quando é construção civil , do jeito que ta indo as coisas, hoje já ta sendo bem valorizada, eu penso assim que as pessoas tinham que enxergar diferente, as pessoa que trabalham nesse ramo, nessa rotina ai, que hoje você vê, hoje todo mundo tem um diploma, tem alguma coisa, eu acho que devia ter uma lei assim que tinha que diplomar um pedreiro, servente, eu penso assim, eu tenho isso comigo assim. um reconhecimento, alguma coisa assim entendeu? hoje você entra numa empresa, você tem o seu diploma, você é reconhecido.²⁰

O trabalhador interpreta a realidade atual apontando como ele interpreta a visibilidade de trabalhadores que estão na construção civil, segundo seu raciocínio que tem um diploma é automaticamente visto com bons olhos pela sociedade, em contraponto indica que os trabalhadores da construção, por não terem esse reconhecimento, na forma de um diploma e um serviço limpo, acabam rotulados e marginalizados pela sociedade, e isso ele demonstra no seu exemplo sobre sujeitos que cometeram algum crime, e que ao serem questionados dizem que trabalham na construção civil, por ser um espaço que pouco problematiza os antecedentes dos trabalhadores que a ele vinculam.

¹⁹ O alto custo dos lotes e casas tem impossibilitado que trabalhadores de vários segmentos da indústria e comercio de Toledo tenham acesso à casa própria, isso gera uma contradição entre trabalhadores da construção e o mercado imobiliário, uma vez que esses trabalhadores constroem mas têm dificuldades em ter acesso a esses bens. Igualmente, em muitos casos são marginalizados e estereotipados pela sociedade que não os vê com bons olhos e os trata com estranheza e receio, relacionando com muitos de nós apenas pela necessidade da prestação de serviço.

²⁰ SAULO (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, Sheille Soares Freitas e Carlos Meneses de Sousa Santos, em 23/09/2012. Toledo-PR.

Embora o trabalhador aponte que atualmente os sujeitos que circulam pela construção civil sejam mais valorizados, ele mesmo indica na continuidade dessa fala os problemas que cercam e rotulam esses sujeitos, apontando numa direção em que podemos compreender que a grande movimentação por esse setor tanto de entrada como de saída dificulta a construção de uma identidade de classe, e por outro lado traz conseqüências que auxiliam na construção de um discurso que todo trabalhador da construção civil seria “malandro, espertalhão” etc. como vemos na fala de Saulo.

Hoje você vê, acontece uma briga, um cara matou num sei quem, vai lá na cadeia, o jornalista vai lá e faz a entrevista, “o que você é?”, o cara responde “servente de pedreiro”, ou “pedreiro”. É normal você escutar isso, não é? Talvez o cara nem é, nem nada... mais tem coragem de fala que é pedreiro, servente, e isso estraga um pouco a imagem, eu acho.²¹

Nisso vemos como uma visão genérica dos trabalhadores acaba estereotipando todo um grupo de profissionais a partir das atividades que exercem, percebemos também que o próprio trabalhador sabe que a sociedade não o vê com bons olhos, pois existe uma ideia de quem está ligado a esse segmento, elementos que levam a uma visão criminalizante de parte da classe trabalhadora, justificando aí parte das péssimas condições de trabalho a que se submetem, algo que Sousa (1995) também observa.

Porém, essa desconfiança, embora não totalmente vencida, é deixada de lado quando se tem perante o contratante a necessidade de construir, a necessidade desse trabalho e do trabalhador, pois no fim serão esses sujeitos que estarão executando as obras.

Por isso ser pedreiro, ou servente e viver em Toledo, é um desafio, muitos sentem ressentimento ao falar deste ofício, pois a insegurança desse setor se traduz em elementos que podem dificultar o acesso do trabalhador a alguns universos de relação importantes na cidade, que são importantes no dia a dia do trabalhador, como crediário em bancos ou lojas, pois muitos ainda desconfiam desses trabalhadores, assim como no próprio mercado de trabalho que ao longo do tempo tem se mostrado irregular.

Conforme Sousa (1995) isso está ligado a conjunto de relações de exploração que fazem com que

²¹ Ibidem.

Este conjunto de situações dilapidadoras da força de trabalho constituídas desde a prática do trabalho clandestino, as altas taxas de rotatividade, a política de recrutamento, seleção e demissão, os baixos salários, a necessidade de trabalho extra, as longas jornadas de trabalho, as precárias condições de alimentação e nutrição dos alojamentos e banheiros das obras até a saúde e segurança dos operários compõem um quadro de privação e exclusão que se instaura apoiado na lógica presente neste setor empresarial (SOUSA, 1995 , p.83).

O entendimento da autora nos leva a compreender que a valorização e a desvalorização dos trabalhadores estão ligados a uma gama de relações que se iniciam na própria dinâmica do trabalho, no modo como as empresas se relacionam com os trabalhadores, pois desqualificam esses sujeitos, apresentando uma visão de que não existe mão de obra qualificada, que os trabalhadores não têm interesse em se especializar. Quando esses discursos saem do campo meramente profissional, atingem um patamar mais elevado de desqualificação social como bem observamos na fala de Saulo, que se sente incomodado quando vê pessoas que muitas vezes não estão ligados a construção se utilizarem dela no momento em que entram em confronto com a justiça, isso aliados aos posicionamentos costumeiros de desvalorização do setor, fortalecendo assim uma visão estereotipada dessa fração da classe trabalhadora, que se vê obrigada a lutar contra essa visão também.

Em minha trajetória situações muito constrangedora também foram vivenciadas. Ao levar um currículo em uma empresa, ou quando da realização de um contrato para fazer um trabalho informal, em muitos momentos temos que lidar com questionamentos do tipo “você conhece alguém que trabalha na empresa, conheço seu pai, ou foi meu amigo que te indicou, é de confiança” etc., isso se tornou corriqueiro e ajuda a denegrir a imagem do trabalhador bem como dessa atividade na construção civil em geral.

Capítulo II

Lutas diárias nos canteiros de obras: experiência e segurança dos trabalhadores

O trabalho na construção civil se caracteriza por ser pesado, exaustivo e perigoso. Os trabalhadores desse meio constantemente colocam em risco a saúde e as próprias condições físicas. Embora atualmente esse campo de trabalho conte com algumas tecnologias que auxiliam no dia a dia do canteiro de obras, a maioria das tarefas é executada manualmente.

Para isso o trabalhador que se propõe a trabalhar nesse ramo, especialmente os serventes, pedreiros e carpinteiros, devem estar em boas condições de saúde devido ao esforço físico que a profissão exige. Carregar cimento, fazer massa, fazer concreto, cavar buracos, carregar madeiras, são algumas tarefas rotineiras que os trabalhadores enfrentam durante o dia de trabalho.

Uma bolsa de cimento pesa em média 50 quilos, portanto exige muita força para transportá-la. Uma picareta tem entre três a quatro quilos, portanto quem a manuseia tem grande desgaste físico, chegando ao fim do dia de trabalho completamente exausto, visto que não a erguerá apenas uma ou duas vezes.

Desse modo, as mesmas tarefas são repetidas várias vezes durante o dia. Por isso o trabalho nessa área depende muito das condições físicas e da disposição do trabalhador, pois se ele não aceitar as condições desse ramo laboral jamais conseguirá permanecer no trabalho. Entretanto, devemos entender que se o sujeito aceita as condições desgastantes da construção civil não é apenas porque ele é um sujeito passivo, que não se importa com suas necessidades e saúde, mas ao contrário é justamente fazendo escolhas e buscando possibilidades que de alguma maneira atendem seus interesses, por isso esses sujeitos se dispõem a enfrentar esse ramo de trabalho.

Como vemos na fala de Luis, um pedreiro que já enfrentou vários serviços que exigiam muita força física, algo comum na condição de classe dos trabalhadores que se vinculam à construção civil, muitos trazem em sua trajetória experiências em serviços desgastantes e que exigiu vigor físico.

ó todos os serviços, esses três serviços que citei ai pra você, corte de cana, concreteira e construção são serviço bruto né? Tanto nós que trabalhamos na construção civil, não é fácil, como cortador de cana muito pior né? E como na concretera tamém não é fácil. É puxado. Só

se eu fosse fazê um balanço hoje assim... de quando eu tô na construção civil e colocano tamém o tempo na concreteira né? hoje eu tô bem melhor né?²²

Podemos observar pela fala de Luis que embora o trabalho na construção seja pesado e desgastante, ele tenta demonstrar certa intimidade com o trabalho forçado, o que lhe dá autonomia de escolher permanecer na construção, pois comparando os trabalhos por ele exercidos durante sua trajetória, isso lhe recoloca as dificuldades dessas atividades. A forma bruta de trabalho, que o cortador de cana enfrenta diariamente trabalhando incansavelmente, o pagamento do trabalho feito conforme a medição do que foi produzido durante o dia, o enfrentamento da chuva e do sol, bem como o trabalho na concreteira, que também desgasta o trabalhador, pois é exercido em prédios em cima de lajes, onde o trabalhador manuseia uma bomba de borracha que leva concreto para cima dos prédios.

Certamente ao refletir sobre sua trajetória, esse trabalhador percebe essas condições e possibilidades em seu passado, o que o leva a fazer uma interpretação de suas experiências e concluir que o presente é melhor, ainda que não veja tanta diferença no esforço físico, mas o que pesa está em outros sentidos que atribui a esse trabalho, a essas relações e materialidade na sua vida.

Seguindo observando a trajetória dos trabalhadores percebo que o sujeito que percorre as vagas de trabalho na construção civil está sempre em busca de melhorar as condições socioeconômicas que o cerca, além de buscar também um lugar social no qual possa ser reconhecido e ter um sentimento de pertencimento. As pressões que podem levar o sujeito a se propor a trabalhar na construção podem ser variados, como bem podemos ver na fala de Luis, que se casou aos 17 anos e, a partir daí, teve que sustentar sua família, alegando assim a motivação para a sua entrada na construção. Embora ele não diga que foi o casamento que o pressionou a aceitar esse trabalho, observamos que o casamento na verdade cria novas expectativas e novas obrigações, o que o coloca diante da necessidade de um novo trabalho, como ele menciona na entrevista

Alessandro: a construção civil não é um serviço fácil, não é um serviço leve, no caso, você acha que o teu casamento exerceu alguma pressão na sua condição de vida que te fez aceita essa profissão?)

²² LUIS (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 27 de janeiro de 2013. Toledo-PR.

Luis: Não, assim o casamento por si só não, mas eu digo assim a necessidade cresce, vamos dizer assim você chega num mercado de trabalho e você tem uma profissão né? Porque você chega numa cidade pequena, corta cana, todo mundo corta né? Mas a necessidade mesmo de você tem uma profissão... porque a construção civil não é fácil, o serviço é pesado, mas você consegue aí com o tempo virá um profissional na área e com isso a consequência é... você vai conseguir melhorá um pouco assim a sua condição, vai manter a sua família aumentando o seu ganho né?²³

O trabalho de fato é cansativo e exaustivo. Entretanto, o trabalhador se propõe a realizá-lo na esperança de alcançar uma vida melhor, ou um ganho que atenda minimamente suas necessidades. Embora isso possa indicar que a profissão de pedreiro é o objetivo final do sujeito, isso não quer dizer que ele não possa deixar esse segmento de trabalho. Algo tratado por Marcelo, que embora tenha aprendido a profissão de pedreiro, logo a trocou pela de caminhoneiro, quando essa se apresentou como uma alternativa. Ele nos conta sua experiência de caminhoneiro dizendo o seguinte:

Marcelo: Trabalhei nove meses em 2011, a coisa não é fácil não hein? Cê mora dentro do caminhão e dá uma passeada em casa um dia por mês, aí se faz bóia na estrada, pra sobrá um pouco mais... cê faz café, você roda madrugada adentro, é cansativo. Eu pra mim não quero não, caminhoneiro é pra quem gosta de estrada, de viver na estrada, senão não é caminhoneiro. Caminhoneiro... acho que deve tá no sangue da pessoa, se não gosta, não roda. Cê ficá 30 dia fora de casa não é fácil não, a gente ia pra Argentina, pra Buenos Aires...²⁴

Poderíamos supor que como ele apontou as dificuldades da vida de caminhoneiro, tanto faz um trabalho quanto outro, já que os dois segmentos, construção e transporte rodoviário com caminhões, são difíceis e, portanto, não importaria em qual deles o sujeito permanece. A indicação do trabalhador destaca outros elementos em questão, para além do salário e condições do trabalho, permanecer em casa é um valor que não está disposto a abrir mão, rodar direto, contrariava vínculos que queria manter. Essas questões desmotivaram sua permanência como caminhoneiro, reiterando que permanecer tanto tempo na estrada é para quem quer viver na estrada.

Como já falamos as trajetórias dos trabalhadores que estão na construção civil nos indicam experiências em trabalhos pesados. Mas de fato o que queremos apontar é que o trabalhador na construção não é um sujeito fixo a ela, mas que sempre que ele vê

²³ Ibidem.

²⁴ MARCELO (pseudônimo), Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 01 de junho de 2013. Toledo-PR.

outro trabalho como alternativa, na maioria das vezes tenta conciliar ou abandona os canteiros de obra. Do mesmo modo, muitos dos que estão hoje na construção civil retornaram à atividade após outras tentativas de trabalho, como eu mesmo realizei.

No caso de Marcelo, a permanência no trabalho como caminhoneiro exigia sua constante ausência de casa e isso foi um dos fatores que influenciaram diretamente seu retorno ao trabalho de pedreiro. Por isso, entendo que no caso dos trabalhadores que estão na construção civil, esses sujeitos podem ter motivos para permanecerem nessa atividade que vão além da rentabilidade econômica e que, na verdade, também estão ligadas às condições de sociabilidade e relações familiares desses trabalhadores.

Dentro deste segmento, os trabalhadores destacam claramente em suas falas os riscos ao exercer essa atividade, o quanto o trabalho é perigoso e como lidam com isso no dia a dia. Percebo que os que trabalham com carteira registrada parecem ter um pouco mais de segurança ao falar dos perigos dessa profissão, considerando os direitos a auxílio em caso de afastamento e os limites para uma demissão em função de acidentes e adoecimento. Porém como grande parte desses trabalhadores exerce sua profissão de forma autônoma também, é importante entender como lidam com isso, uma vez que os riscos de acidentes persistem, sendo eles registrados ou não.

Marcelo nos dá um parecer de como a preocupação com acidentes é constante ao perguntarmos sobre essa questão e fala o seguinte:

De 2011 a 2012 eu trabalhei registrado. Antes eu trabalhava só por conta, daí eu sai. Agora eu tô mexendo com umas obra aí, que tô assinado por segurança, não que eu receba salário de carteira assinada, eu tenho um tempo que eu trabalhei assim também, só por segurança né? A gente pega a obra por empreita, ai o dono da obra assina a carteira né? Pra tê uma segurança... a gente tê uma segurança e ele também, vai que eu quebre um braço? Na obra cê tá sujeito a isso, estoura o andaime lá... se você num tá com o cinto (que geralmente pouca gente usa o cinto) equipamento de segurança, “há hoje não vai acontecer” e aonde que pode acontecer.²⁵

A segurança que indica é no sentido de se obter o auxílio por parte do governo, poder receber um salário caso se machuque. Nisto vemos que a preocupação de trabalhadores como Marcelo ultrapassa a esfera do comportamento no trabalho, pois ele bem sabe que sendo autônomo, caso venha a acidentar-se certamente entrará em dificuldades sem o auxílio institucional, pois o trabalho que realiza exige grande

²⁵ Ibidem.

exposição a riscos. Portanto, há um debate entre os trabalhadores sobre garantir o registro, mesmo que em trabalhos particulares, para garantir renda (o auxílio doença) em caso de acidentes. Por isso, o medo do acidente é uma constante no dia a dia desses trabalhadores.

Um bom modo de visualizarmos essa questão é quando um trabalhador faz um reboco em um andaime de uns 15 metros de altura. Nessa situação o risco de acidente aumenta, assim como a concentração na qual os trabalhadores se colocam, procurando indicar desse modo que quanto menos acidentes, maior é sua habilidade. Pois o que está em jogo não é apenas o seu ganho diário ou mensal, mas também a própria vida e o tempo que precisará se afastar da atividade.

Caso ocorra um acidente ou uma queda dificilmente o trabalhador escapará de uma fratura, em alguns casos perdendo a vida, por isso penso que a construção civil é um campo de trabalho que além de ser perigoso fisicamente é também uma pressão diária sobre o que se realiza e como se realiza. O trabalhador deve estar continuamente com todos seus sentidos alerta.

A partir do fim da primeira década do século XXI, assuntos que se remetem a acidente de trabalho na construção civil têm causado preocupação e ganhado destaque em órgãos do governo federal, principalmente no campo das aposentadorias por invalidez e, por isso, tem sido largamente pesquisado. Conforme é possível observar no artigo de Laet (2014) ao site de notícia UOL, destacando acidentes deste setor no Estado de Alagoas.

Neste texto, a autora procura entender o porquê do número de pessoas que sofreram algum tipo de acidente ligado à construção civil ter aumentado tanto nos últimos anos. Isso nos dá um indicativo das condições compartilhadas ao exercerem esse trabalho em outras regiões e analisar a relação entre os acidentes de trabalho e as condições de sua realização também em Toledo, o que faz essa discussão alcançar um nível importante do debate sobre a saúde do trabalhador na construção civil em nosso país. Laet destaca que

Os casos de acidentes em ambiente de trabalho em Alagoas têm chamado a atenção das autoridades por conta da frequência com que ocorrem.

Dos 3.403 trabalhadores atendidos no Hospital Geral do Estado (HGE) no ano passado, após sofrerem algum tipo de contusão, 3.192 buscaram junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) o auxílio destinado a vítimas de contusões de média gravidade, e 341

foram aposentados por invalidez, por conta de lesões permanentes provocadas durante a jornada de trabalho. Ainda conforme a autora, De acordo com o HGE, em 2013, só de operários que sofreram queda de altura, por exemplo, foram 109 ocorrências registradas, seguidas por luxações, distensão de ligamentos, lesões nos olhos e mutilações. (LAET, 2014)

Os problemas apresentados pela autora se assemelham, em grande parte, com as situações que ocorrem em Toledo. O crescimento no ramo da construção civil, bem como as mudanças que ela acarreta na cidade, tem ganhado destaque também nos jornais toledenses. A reportagem publicada no *Jornal do Oeste*, inclusive, destaca as mudanças na paisagem da cidade e acaba também apontando os acidentes de trabalho que ocorrem nesta atividade.²⁶ Essa divulgação jornalística nos dá um pequeno panorama de como está se configurando as relações de trabalho dentro dos canteiros de obra e sua visibilidade na cidade.

Embora o título da reportagem afirme que a “Irregularidade mais comum nas obras é falta de EPIs” ela deixa transparecer outros elementos que podem nos indicar o porquê de se acontecer tantos acidentes de trabalho.

A construção civil de Toledo vem apresentando reaquecimento e a cidade se torna mais uma vez um verdadeiro canteiro de obras. Porém, diversas irregularidades no setor, em especial a falta do uso dos equipamentos de segurança, o colocam entre as três de maior índice de acidentes de trabalho. Embora o sindicato da categoria realize constantes fiscalizações, a regularização e mudança de conduta pelos proprietários esbarram na falta de responsabilização, já que com poucos fiscais, o Ministério do Trabalho não vistoria e nem autua conforme a demanda. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Toledo (Sintracon) afirma que uma das funções do sindicato é verificar se os direitos dos trabalhadores estão sendo cumpridos. Portanto, fiscalizações nos canteiros de obras são constantes. “Encontramos muitas irregularidades, desde dormitórios improvisados, falta de registro em carteira, recolhimento do FGTS, mas o maior problema é o uso de equipamentos de proteção individual (EPI)”, revela.²⁷

A matéria do jornal traz um apontamento significativo para a discussão, apontando o crescimento no número de obras espalhadas pela cidade, demonstrando como esse setor tem expandido continuamente. Ainda que o título seja sobre a irregularidade nos usos de EPIs, a matéria sugere essa questão como o principal

²⁶ IRREGULARIDADE mais comum nas obras é falta de EPIs. *Jornal do Oeste*, Toledo, 16/07/2014. Disponível em: <<http://www.jornaladooeste.com.br/cidade/2014/07/irregularidade-mais-comum-nas-obras-e-falta-de-epis/871795/>>. Acesso em: 21/10/2014.

²⁷ Ibidem.

causador de acidentes, é necessário compreender que outros fatores como jornada de trabalho de oito a nove horas diárias, e a não prevenção, com ausência de trabalhos de orientação sobre cuidados dentro do canteiro diariamente, acabam acarretando condições propícias para acontecer algum acidente de trabalho.

No entanto, a fala do presidente do sindicato trazida na matéria, sugere que existem outros problemas dentro dessa lógica, onde empresas acabam violando os direitos dos trabalhadores, além de instalações mal feitas que deveriam auxiliar o trabalhador no momento de descanso, acabando por fomentar o descaso das empresas com seus funcionários, o que me leva a questionar, se caso uma empresa não leve em consideração os direitos dos trabalhadores, será que ela se preocupa com a segurança dos mesmo?

Pois como visto na fala do sindicalista os trabalhadores não encontram no canteiro de obras um ambiente acolhedor, pelo contrario é desconfortável e fortemente opressor, entretanto o que se verifica é que a culpa de ocorrerem acidentes recai sobre o trabalhador e o seu não uso de EPIs sem levar em consideração as pressões da rotina de trabalho e das condições disponibilizadas nesses canteiros de obra, para entendermos melhor esse assunto observaremos a fala do trabalhador Saulo, que nos um panorama mais claro da dinâmica dos canteiros de obras com relação a proteção dos trabalhadores.

Saulo: poucos conseguem fazer isso, mas é muito pouco entendeu? Que a pessoa vai subi num andaime aí, tá a 5 metro de altura aí, vai subi e descê (porque as vezes se tem ponhá o cinto de segurança e num ponhá), vai muito da empresa também que cuida né? Porque tem empresa também que é meia desleixada assim também né? Que não liga muito não, porque o tempo que você levô pra ponhá e tirá o cinto, cê subiu lá, já fez o serviço e desceu, entendeu? Mas, por exemplo o óculos você vai batê com a marreta ali se quebrá ali um tijolo, arrancá o tijolo e cê vai ponha um óculos? Muitos usam, muitos não usam, é meio desleixado assim... até da própria pessoa entendeu? Eu uso, no meu trabalho eu uso, eu tenho óculos, tenho luva, tenho tudo pra usar, capacete né? O pessoal usa, mas é aquele caso né? Muitas das vezes você por um descuidado você vai lá e faz o serviço, você vai ver não tá usando o EPIs, até eu mesmo já passei por isso, quando vê já fez o serviço, você não sabe né? Você vai prevê “ó, vou subir lá, vou cair”. Você é... não vai prevê isso.²⁸

Vemos que durante a execução do serviço cotidiano, a própria empresa faz vista grossa, em virtude da necessidade de se fazer um trabalho rápido, deixando passar,

²⁸ SAULO (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, Sheille, Soares de Freitas e Carlos Meneses de Sousa Santos, em 23/09/2012. Toledo-PR.

muitas vezes, o não uso de equipamentos de segurança, aí vemos que não é somente o trabalhador, o responsável pelos acidentes pelo não uso dos EPIs, mas também a própria forma que o trabalho diário é organizado.

Saulo indica que a necessidade de agilidade nos serviços diários induz o trabalhador ao descuido, e isso é algo que também tenho vivenciado nos canteiros de obras, e para além da fala dele posso por experiência apontar que isso ultrapassa o problema com a produção e se coloca no campo das relações sociais que se desenvolvem diariamente. Pois se um trabalhador vai desenvolver uma tarefa considerada simples, como quebrar um tijolo numa parede com uma marreta ou martetele, ou vai subir numa altura considerada baixa (em torno de dois metros e meio) e utilizam os EPIs os próprios companheiros já começam a brincar e zombar desse trabalhador, por isso muitas vezes não usar os equipamentos de segurança passa a impressão de que esse trabalhador é mais ágil que os outros.

Ainda sobre os equipamentos de segurança selecionei outro ponto da reportagem indicada anteriormente, o jornal traz a fala de um técnico em segurança de trabalho e aí podemos observar com maior facilidade a intenção da reportagem em culpar o trabalhador pelos acidentes, isentando assim os contratantes de responsabilidades por essa condição e riscos.

Andrade conta que em relação à segurança é muito comum encontrar trabalhadores ainda sem capacetes, cintos em altura superior a dois metros, sapatos adequados, luvas, entre outros EPIs. O treinamento obrigatório de seis horas, que visa à conscientização da importância de garantir a segurança e evitar acidentes, também não tem sido oferecido pelos responsáveis da obra. Nas fiscalizações, o Sintracon percebe que antigamente os EPIs não eram disponibilizados, porém, hoje há os equipamentos na obra, mas não a cobrança para seu uso. “O responsável pela construção deve fornecer e tornar o uso obrigatório, não adianta comprar e deixar encostado”.²⁹

Além da intenção da reportagem (em indicar a falta de uso do equipamento pelo trabalhador e cobrança do empregador), podemos questionar nas entrelinhas o porquê ainda existem trabalhadores que não usam cintos de segurança, o porquê do treinamento de prevenção contra acidente nem sempre ser cumprido, uma vez que é obrigatório por lei. A resposta a essa questão pode parecer óbvia, mas a intenção é obtenção de lucros, para a primeira pergunta, e para a segunda é não desperdiçar o tempo dos trabalhadores

²⁹ IRREGULARIDADE mais comum nas obras é falta de EPIs. Op. cit.

colocando os EPIs. Algo que, como vimos, não é apenas o interesse patronal, mas os trabalhadores também entendem que esses equipamentos atrasam sua produção, incomodam e acabam, muitas vezes, confiando na sua agilidade e habilidade como os elementos que lhe trarão segurança.

Como a lei garante que no dia do treinamento os trabalhadores ganhem o dia de trabalho para “aprender a se proteger”, as obras geralmente ficam paradas, o que leva as empreiteiras a deixar “meio por baixo dos panos” esse treinamento, termo que é comumente utilizado nas obras para práticas que seriam ilegais.

O cinto é algo que se debate muito nos canteiros de obra, como estou lá diariamente enfrento, também, as pressões não só dos contratantes que querem a obra em menos tempo, mas dos próprios companheiros de trabalho. Pois se cada vez que um trabalhador for executar uma tarefa em andaimes de um a dois metros e meio de altura ele colocar o cinto de segurança, acaba acarretando uma perda significativa de tempo, o que por consequência contraria a lógica capitalista e o seu ganho de produtividade também, causando indisposição com os patrões porque a obra está lenta. Por isso, sempre existe aqueles dizeres comuns entre os trabalhadores e mestre de obras, “olha, enquanto você vai colocar o cinto, eu já teria feito o serviço”.

Portanto, mesmo que a reportagem demonstre que caso ocorra acidentes a culpa e o prejuízo são do trabalhador, entendo que ela deixa de aprofundar a questão, que envolve uma gama de relações e pressões que estão inseridas nas condições e organização do trabalho.

Nesse sentido, podemos entender que o uso do cinto de segurança se caracteriza como um equipamento essencial nos trabalhos realizados em andaimes e se ele é debatido com frequência nos canteiros de obra, quanto ao seu uso ou não, isso sugere o quanto é comum acidentes dessa natureza, sendo, contraditoriamente, um problema para as empresas assim como para o trabalhador, pois pode acarretar sérios riscos e danos em caso de queda, como é possível observar ao analisarmos a reportagem, dentre as muitas presentes no site de notícias Radar BO e republicada em outros meios de publicação, como a Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon:

Trabalhador cai de andaime em prédio em construção de Toledo

O Corpo de Bombeiros de Toledo atendeu um acidente de trabalho ontem (05) em um prédio em construção, localizado na Avenida Parigot de Souza, próximo ao Shopping Panambi.

Segundo as informações obtidas no local do acidente, o trabalhador Natalicio [...], de 45 anos, estava em um andaime de aproximadamente dois metros de altura, quando perdeu o equilíbrio e caiu. Ele teve ferimentos médios, sem risco de morte e foi encaminhado para a Casa de Saúde Bom Jesus.³⁰

Nota-se que a queda é um problema frequente e grave, pois pode causar danos sérios e permanentes, uma vez que geralmente os andaimes passam de dois metros quando o trabalho é interno, aumentando consideravelmente quando se trata de trabalho externo, podendo alcançar alturas elevadíssimas em se tratando de prédios de vinte, quarenta ou mais andares. Portanto, o risco de queda, nestes casos, pode ser fatal para ao trabalhador. A matéria em questão não destaca a falta de equipamentos, ou mesmo a responsabilidade da empresa em fornecer esses materiais, apenas noticia um “acidente de trabalho”, que não causou risco de morte.

Mas esse mesmo noticiário veiculou seis meses antes, um acidente que vitimou fatalmente um trabalhador:

Um acidente de trabalho foi registrado por voltadas 17h10min da tarde de ontem (27), na Rua General Alcides Etchegoyen, no centro, próximo da Unimed, em Toledo, tendo como vítima o José Danilo Girardi, de 45 anos, que chegou a ser encaminhado com vida para o hospital, onde os Bombeiros tentaram reanimá-lo e a equipe médica da Casa de Saúde Bom Jesus realizou todos os procedimentos possíveis para salvá-lo, mas infelizmente o trabalhador não resistiu. Segundo as informações obtidas no local, José estava trabalhando num prédio em construção, no terceiro piso, na companhia do seu irmão e demais colegas de trabalho e quando realizava medição de uma parede, na sacada do prédio, com uma trena de metal, esta teria dobrado e atingiu a rede de alta tensão e o trabalhador recebeu a descarga elétrica, perdendo os sentidos. Informações dão conta de que cada uma das três linhas da rede de alta tensão, tem uma carga de 3.700 volts, que atingiu em cheio o trabalhador. O corpo de José Danilo Girardi será encaminhado para o IML de Toledo para ser necropsiado. José Danilo era mestre de obra e prestava serviços na área de construção civil em Toledo, era casado, pai de três filhas e residia na Vila Industrial.³¹

Desse modo, sem que se inverta a lógica de economizar na proteção predial e reavalie os ganhos de produtividade, a segurança do trabalhador não será pauta de

³⁰ TRABALHADOR cai de andaime de prédio em construção em Toledo. Radio Educadora/Radar BO, 05/12/2013. Disponível em <http://www.radioeducadora.com/educadora/ver_noticia.php?not=48287>. Acesso em: 15/04/2014.

³¹ TRABALHADOR de 45 anos morre ao levar choque. CGN/Radar BO. 28/07/2012. Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/28066/trabalhador-de-45-anos-morre-ao-levar-choque>>. Acesso em: 20/10/2013.

prevenção, mas sim apontada quando ocorrer acidentes, mortes, ou judicialmente, em caso de reclamações trabalhistas, solicitação de indenizações etc. Como aparece em uma ação judicial movida contra uma construtora em Toledo no ano de 2009. No processo é apontado que:

Marcio, (pseudônimo) brasileiro solteiro desempregado residente e domiciliado em Toledo Paraná... Foi contratado pela empresa reclamada em 16 de julho de 2007 para prestar-lhe serviços na função de servente.

Autor foi dispensado abrupta e injustamente em 11 de abril de 2008 sob alegação de ter o mesmo faltado ao trabalho sem justificativa. Mentira! O autor estava e está doente, portador de uma alergia na região do pescoço, muitas vezes impedido pelo médico de ficar exposto ao sol e a poeira do cimento. Assim na verdade o autor estava licenciado, não podendo trabalhar por orientação médica, conforme faz prova os documentos anexados.

Acontece que a reclamada não aceitava os atestados médicos fornecidos pelo reclamante, os quais eram retidos pela mesma principalmente no dia 24 de março de 2008 alegando que somente aceitava atestados de médicos particulares e especialistas.³²

No caso desse processo observamos que muitas empresas não estão preocupadas com a integridade física do trabalhador e com a prevenção de acidentes ou doenças decorrentes do trabalho, o que elas querem é o sujeito ali todos os dias para trabalhar, embora suas condições não estejam condizendo com o necessário para tal. Mas é importante perceber que o trabalhador busca na justiça uma forma de problematizar essa relação, mesmo que após sua dispensa, demonstrando que reconhece seu lugar social e seus direitos de trabalhador. Para entendermos a condição de Luis, é necessário saber que as empresas, possuem uma prática corrente, na figura de seus encarregados de construir mecanismos para forçarem o trabalhador a pedir demissão, algo reconhecido, também em outras pesquisas sobre a questão:

Nós mesmos presenciamos e escutamos dos próprios engenheiros diferentes estratégias por eles utilizadas para provocar o pedido de demissão por parte do funcionário indesejado. Uma delas é atribuir-lhe a tarefa de ficar parado, sem atividade, sentado em um cômodo pequeno, quente, sob telha de amianto, durante todo o expediente. Essa atitude é carinhosamente denominada “*colocar o peão na solitária*”. Mas a criatividade em um canteiro de obras vai muito além. (SANTOS e BARROS, 2011, p. 253)

³² PARANÁ. Poder Judiciário. Reclamação Trabalhista. Trabalhador solicita reversão de dispensa por justa causa e pagamento de horas extras ., Comarca de Toledo. 9ª Região. **Processo Trabalhista**, [Toledo], nº. 00849-2009-068-09-00-00, primeira audiência em 01 de agosto de 2008.

Quando o trabalhador resiste, a empresa se utiliza de um mecanismo muito conhecido entre os trabalhadores da construção que é o “sistema de gancho”. Esse mecanismo está ligado aos atestados de saúde, que é uma prática recorrente de empresas não aceitarem, principalmente quando já se tem uma ideia prévia de dispensar o trabalhador sem pagar os direitos trabalhistas, daí o “sistema de gancho” quando não aceita o atestado médico. Em consequência disso se formula falta sem justificativa e é dado mais dois ou três dias de suspensão ao trabalhador, sendo que ao cabo da terceira suspensão a quarta configura dispensa por justa causa. Como a alergia ao cimento, poeira e sol eram problemas recorrentes no caso de Márcio a empresa se utilizou desse mecanismo para burlar as leis trabalhistas, lesando assim o trabalhador.

Outro problema que se apresenta para os trabalhadores é o manuseio de ferramentas elétricas. Essas tecnologias foram incorporadas ao processo de produção na construção civil com o objetivo de facilitar o trabalho e a execução de algumas tarefas que outrora seriam mais demoradas e/ou exigiam maior esforço físico, como cortar madeiras com serrote manual, quebrar concretos com marreta e talhadeira, furar com o arco de pua. Essas, dentre outras atividades, foram substituídas, respectivamente, por uso de, cerras elétricas, rompedores, marteletes e furadeiras.

No entanto, a introdução da máquina nos mais diversos setores de trabalho é algo que se faz perceber com maior vigor a partir da revolução industrial, particularmente o século XVIII aponta novos inventos que foram sendo introduzidos no campo das relações de trabalho, alterando o modo de se exercer determinadas funções, e o modo de vidas dos trabalhadores envolvidos nessa organização do trabalho. Essas mudanças, segundo Thompson (1998), transformou o modo de produção e com isso construiu novos valores que foram sendo incorporados, e também contestados, ao longo dos anos por trabalhadores, transformando as pequenas manufaturas em grandes fábricas com todo um aparato que permitia maior produção e um controle mais exato do tempo pelos capitalistas.

Entretanto, segundo esse autor a classe trabalhadora nem sempre aceitava tranquilamente os novos modos de viver e trabalhar como os donos das fábricas pensavam fazer, propondo novos valores e costumes, que nem sempre eram absorvidos pelos trabalhadores fazendo com que os donos das fábricas tivessem que lidar com os costumes e valores dos trabalhadores que, nesse momento, acabam representando

rebeldia e resistência sobre as novas práticas que estavam sendo colocadas em pauta nas relações de produção. Nesse sentido o autor aponta o seguinte

Nesse ponto já em 1700, estamos entrando na paisagem familiar do capitalismo industrial disciplinado. Com folha de controle do tempo, o controlador do tempo, os delatores e as multas. Uns setenta anos mais tarde, a mesma disciplina deveria ser imposta nas algodoarias primitivas (embora as próprias máquinas fossem um poderoso complemento ao controlador do tempo). Sem a ajuda das máquinas para regular o ritmo de trabalho nas olarias esse disciplinador supostamente formidável Jossiah Wedgwood ficava reduzido a tentar impor aos oleiros em termos surpreendente ineficientes. (THOMPSON, 1998, p, 291).

A partir das ponderações desse autor compreendo que o uso de máquinas no processo de produção capitalista cumpre um papel fundamental ao propor ditar o ritmo e a organização da produção, transformando, constantemente, o modo de executar as tarefas designadas aos trabalhadores. É por esse viés que entendo que a ampliação do uso de ferramentas elétricas foi sendo introduzido na construção civil brasileira ao longo da década de 1990 e anos subsequentes em que a incorporação de maquinário importado e novas tecnologias começam a fazer parte da produção nos canteiros de obra (FRANKLIN JÚNIOR e AMARAL, 2008). Esses equipamentos não servem apenas para facilitar a execução das tarefas, mas também como elemento de pressão, que impulsiona o trabalhador a produzir com maior rapidez e em menos tempo.

Nas últimas décadas essas tecnologias foram largamente implementadas, uma vez que com a industrialização das tarefas executadas na construção civil e divisão de trabalho interno nos canteiros de obras, passou-se a cobrar mais agilidades dos trabalhadores e nisso a introdução dessas máquinas vai ter um papel central no aumento da produção, uma vez que se cobra por mais produtividade dos trabalhadores no mesmo período de trabalho anteriormente utilizado. Portanto, uma vez que o fomento na construção aumentou, também o uso de máquinas é cada vez mais implementado pelas empresas, compondo a rotina de atividades dos trabalhadores como forma de antecipar obras e diminuir desgastes, ao mesmo tempo aumentando os riscos de acidentes.

Nas grandes empresas as ferramentas é propriedade do empregador, o trabalhador apenas as utiliza durante o trabalho. Em construção de pequeno porte o dono quase sempre é o mestre de obras contratante, no entanto existe a possibilidade do trabalhador ser o dono de suas ferramentas de uso exclusivo e, portanto, no canteiro de obra fica definido que apenas o dono deve manuseá-la, ou dar autorização para os

companheiros o fazerem, além de ter uma diferença no salário para aquele que usa suas próprias ferramentas ou sabe manuseá-las.

Vejo que essas ferramentas são de grande importância para a execução das tarefas diárias, uma vez que elas facilitam e dão maior agilidade ao serviço, além de evitar um grande esforço físico. No caso dos marteletes, quando vai fazer a instalação elétrica é de suma importância, pois o trabalho seria extremamente desgastante cortar a parede com marreta e talhadeira, com essa ferramenta se torna muito mais fácil, menos prejudicial fisicamente ao trabalhador e mais rápido.

No caso dos serrotes, que ainda não foram totalmente excluídos das obras, mas, muitas vezes, passa a obra inteira pendurado sem ser usado, pois a serra elétrica facilita muito o corte de madeiras, tornando-se preferencial para as atividades. Vejo que o problema consiste na pressão sobre o trabalhador frente às ferramentas que o auxiliam, pois se não é necessário mais ficar ali horas serrando uma madeira, então deve produzir mais. A meu ver o problema está aí, pois o trabalhador querendo produzir mais se descuida no manuseio dessas ferramentas e acontecem, em grande medida, os acidentes de trabalho.

Além dessas ferramentas, uma enorme quantidade de máquinas é utilizada nas fundações dos prédios, algo que, também, constantemente coloca em risco a integridade física do trabalhador. Esses equipamentos servem também como um modo de pressionar o trabalhador nas suas atividades diárias, para fazer com que o trabalho renda mais e em menos tempo. Assim, muitas vezes, ao invés de nos auxiliar nas atividades, a incorporação desses equipamentos no processo de trabalho acaba criando um ambiente propício a acidentes, sendo que o trabalhador deve fazer suas tarefas o mais rápido possível, seja porque também lhe convém receber por aquela obra o quanto antes, seja pela sua continuidade na empreiteira, que é avaliada a partir, em grande medida, do seu rendimento nos contratos de construção. Tudo isso, acaba por diminuir sua segurança, levando ora ou outra a algum deslize ou imprevisto, o que, em muitos casos, acaba em mutilações, ferimentos, ou outros acidentes.

Esses acidentes e doenças advindas dessa condição e organização do trabalho, nem sempre são assumidos pelos trabalhadores como ferimento e acidente, haja vista que pequenos cortes, arranhões, “jeito na coluna”, dentre outros são considerados comuns na profissão. Assumir alguns machucados e acidentes é tido em princípio, dentre os trabalhadores, como possível falta de habilidade na execução das tarefas, uma

noção que auxilia em parte a comodidade dos patrões frente à rotina de percalços no canteiro de obras, o que aparece na fala de Marcelo. Durante a nossa conversa perguntei se já havia sofrido acidente, ou se já havia presenciado algum:

Sofri acidente não, mais colega meu já, bateu martelo no dedo, arrancar a unha, quebra o dedo, é... ou lá na serra circular da um esfolão no dedo, isso aí é um descuido... depende... serra, esse negocio, é muito perigoso... então, todo cuidado é pouco né? Usá todos os dia os EPIs. Eu uso, tem que usá, mas já tive acidente no olho, cortando cerâmica sem EPI, quase furei o olho, isso ai é uma lição pra gente, hoje não se corta mais com maquina a cerâmica, porcelanato ou pastilha sem o óculos, e o protetor oricular. Isso ai , tem que ter... Eu tenho bursite nos dois braços, isso é... a LER que o pessoal fala... meus dois braços dói quando trabalho muito... eu não posso erguê muito peso por causa da coluna, então eu evito o máximo possível levantá peso, eu se pegá saco de cimento só pego se for nos últimos casos senão... não ergo mais não, porque eu sei dos meus problema, tem muita gente tem esse problema como eu na coluna.³³

Nisso vemos que a noção de acidente impregnada na consciência do trabalhador diz respeito somente a acidentes graves, como quedas, mutilações ou mortes, já pequenas machucados que ocorrem corriqueiramente, como pisar em pregos, martelar o dedo, alergias, ou cimento e cal no olho, arranhões, ou mesmo cabeçadas em vigas, não se configuram como acidente. São considerados a parte ruim ou os “ócios do ofício”, como disse Marcelo “um descuido”.

Diferente desta noção, examino como esses descuidos se apresentam nos processos como problemas graves ao trabalhador quando interferem diretamente no modo como viverão após as lesões sofridas nas obras. Um processo trabalhista, que foi originado por um acidente com o trabalhador que estava atuando na fundação de um prédio, como operador de bate estaca, apresenta que o mesmo teve uma das mãos esmagadas por essa máquina.

O processo que Marcio (pseudônimo) moveu contra a empreiteira, permite conhecermos um pouco de como era sua relação de trabalho e qual papel desempenhava efetivamente. Vejamos as ponderações de seu advogado:

O reclamante foi contratado para laborar como servente de pedreiro, para laborar em diversas obras da reclamada, mas desde o mês de agosto de 2007, passou a exercer a função de Meio Oficial, mas sua função era de operador de bate-estaca. O reclamante sempre laborou

³³ MARCELO (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 01 de junho de 2013. Toledo-PR.

para o mesmo empregador mas em sua CTPS existe (03) três contratos de trabalho com diferente empregadores.

1º contrato 08.09.2005 até 06. 12. 2006

2º contrato 07.12.2005 até 06.03. 2006

3º contrato 07. 03.2006 até 08. 01. 2009

Observa-se que em todos os contratos de trabalho firmados pelas reclamadas com o reclamante sempre foram feitos em sem qualquer intervalo de dias ou seja nos dois primeiros antes de vencer o período de experiência a reclamada rescindiu o contrato de trabalho do reclamante dando como motivo o termino do contrato de experiência...o reclamante laborou em diversas obras das reclamadas, e não sabe o porque de serem feitos diversos contratos de trabalho.

Assim vossa excelência, fica evidente, perante a anotação da CTPS do reclamante que as empresas reclamadas foram constituídas pelas mesmas pessoas, assim seus sócios buscaram somente burlar a legislação trabalhista quando alteraram o contrato de trabalho do reclamante assim como os sócios de ambas as reclamadas são os mesmos é que ambas devem ser condenadas solidariamente nas verbas devidas ao reclamante, bem como requer vossa excelência que determine a unicidade e ambos os contratos de trabalho considerando como data de admissão 08.09.2005 e demissão em 08.01.2009.³⁴

O processo nos dá uma dimensão das formas que as empresas encontram para barganhar tarefas e contratações, pois o contrata para trabalhar como servente, mas exercendo a tarefa de meio oficial e com a promessa de registro como oficial, o que lhe dá a oportunidade de conseguir um registro em carteira, algo que é muito desejado para os iniciantes na profissão de pedreiro, mas sem o compromisso com as atividades que viria a realizar na obra. Dessa forma, a empresa consegue que o trabalhador continue trabalhando, mesmo que de forma irregular e com o salário mais baixo, como vimos, os contratos firmados, com um dia de diferença entre término e contratação, teve como mudança apenas o nome dos sócios da construtora, mas o vínculo continuava com o mesmo contratante.

Algo que aparece aí e que é de muita importância para compreender como agem as construtoras para conseguir mão de obra barata, é o caso do funcionário que está registrado para exercer uma função, mas efetivamente executa outra como aprendiz ou meio oficial.³⁵ Como logo passou a exercer outra função, registrado como meio oficial,

³⁴ PARANÁ. Poder Judiciário. Reclamação Trabalhista. Trabalhador solicita indenização por acidente de trabalho. Comarca de Toledo. 9ª Região. **Processo Trabalhista**, [Toledo], nº. 00293-2009-068-09-00-7. 20 de fevereiro de 2009 p. 2-3.

³⁵ As categorias reconhecidas com registros em carteira pelo sindicato dos trabalhadores SINTRACON são a de Oficial (categoria que compreende a pedreiros que exercem a função sem a orientação de supervisor), o Meio Oficial (ainda está aprendendo a função para se tornar Pedreiro) e Servente (que auxilia os dois no canteiro de obras, mas que também tem tarefas específicas, como fazer massa etc.). No caso do processo a designação correta seria de operador de bate estaca, função que recebe adicional de

Marcos passa a trabalhar como operador de máquina bate estaca, através da qual veio, posteriormente, a sofrer um acidente de trabalho. Para se ter uma ideia da função que o trabalhador exercia é preciso conhecer minimamente como esse trabalho é feito, por isso segue uma pequena descrição de como funciona.

O bate estaca é uma máquina grande, utilizada para furar buracos que serão cheios com concretos para dar sustentação a prédios, ela tem esse nome por causa do modo com a máquina funciona. Um trado de quatro a cinco metros penetra o solo como se fosse uma furadeira gigante, quando o trado entra todo na terra é logo puxado para cima numa carretilha que é puxada por cabos de aço. A fundura dos buracos (estacas) depende da necessidade da estrutura do prédio que será erguido, por isso às vezes ultrapassa os 50 metros, porém para prédios de quatro a cinco andares geralmente vai até 20 metros de profundidade.

Essa máquina funciona a base de diesel, os cabos que puxam o trado ficam presos na carretilha, que é fixa na torre e precisam ser constantemente engraxados, o trado precisa ser limpo para penetrar a terra, por isso é necessário de três a quatro pessoas para operá-la, mas quando o número de trabalhadores é reduzido, o trabalho se sobrecarrega precisando assim que o trabalhador dobre seu esforço e agilidade, o que, por conseguinte origina acidentes como o vivenciado por Marcos, acabando por acarretar ao trabalhador danos permanentes; materiais, morais e estéticos, como apresentado nos autos do processo:

Em data de 06.09.2007 as 09h: 15m após 01h: 30m de trabalho, o reclamante veio a sofrer acidente de trabalho tendo como agente causador a maquina bate estaca, enquanto estava operando a mesma, a sua mão direita foi prensada quebrando os dois dedos da mão.

A reclamada reconheceu o acidente de trabalho, através do preenchimento da Cat- Comunicação de Acidente de Trabalho, que segue em anexo, a qual foi encaminhada ao INSS, para que o reclamante viesse a receber o benefício de auxílio doença acidentário.

O reclamante permaneceu afastado do trabalho pelo período de 06.09.2007 até 09.12.2007, sendo os primeiros quinze dias pagos pela reclamada e o restante pelo INSS.

Em decorrência do acidente de trabalho ocorrido com o reclamante o mesmo teve sua capacidade de trabalho reduzida, uma vez que o mesmo além de ter ficado com uma cicatriz na mão direita ainda teve o movimento dos dedos reduzidos.

A reclamada simplesmente esperou transcorrer o período de estabilidade do reclamante, que se iniciou em 09.12.2007, ou seja,

insalubridade diferente dos oficiais pedreiros que não o recebem. E isso já é o suficiente para empresas burlarem os registros de carteiras dos trabalhadores.

termino do auxílio doença acidentário, e demitiu o reclamante por justa causa em 08.01.2009 após 01 mês transcorrido esse prazo.³⁶

A perda para o trabalhador vai além dos valores econômicos, uma vez que perdeu parcialmente o movimento da mão. Executar as tarefas diárias na construção se tornaram mais difíceis, sendo que já não conseguia mais exercer o trabalho com a mesma agilidade que antes do acidente, as dificuldades que seguiram fez com que Marcos não mais pudesse equiparar sua perda, ainda que tenha ganho a causa na justiça. A dor, o susto e o receio estarão continuamente presentes toda vez que ele se propuser a trabalhar, e como era pobre e necessitava exclusivamente das condições físicas para trabalhar e garantir o sustento, seu sustento após sofrer esse acidente acaba sendo mais limitado, porém a construtora não observou essas possibilidades e o sofrimento do trabalhador, pois logo após o ocorrido o despediu.

Por isso a preocupação com acidentes é uma constante, pois pode custar a capacidade de trabalhar, sendo que na construção se necessita exclusivamente dos movimentos manuais. Para Marcos, sofrer esse acidente se configura na forma de como ele se sente frente a suas necessidades básicas e de como irá supri-las, pois acarretou a perda da possibilidade de continuar atuando na construção civil, tirou dele até mesmo a condição de pertencimento a uma determinada fração da classe trabalhadora com a qual se identificava.

Essa prática de redução da mão de obra para procedimentos perigosos é uma constante nas relações de trabalho, e não só na construção civil. Mas nesse ramo, não há uma função em específico que é mais perigosa, tanto pedreiros como ajudantes podem enfrentar situações de risco. No caso de Marcos, o ideal era que os ajudantes cuidassem dos cabos, do trado da carretilha e da torre, mas como isso não ocorreu, Marcos acabou tendo umas das mãos presas e esmagadas pelos cabos de aços. Entendo, pela prática que tenho nessa atividade que, na verdade, ele estava realizando o trabalho de um auxiliar e por esse motivo acabou sofrendo o acidente, que lhe tirou a capacidade de trabalhar novamente, conforme argumentado pela sua advogada nos autos processuais:

O acidente ocorrido com o reclamante o qual resultou em perda da capacidade para o trabalho, somente porque a empresa ora reclamada

³⁶ PARANÁ. Poder Judiciário. Reclamação Trabalhista. Trabalhador solicita indenização por acidente de trabalho. Comarca de Toledo. 9ª Região. **Processo Trabalhista**, [Toledo], nº. 00293-2009-068-09-00-7. 20 de fevereiro de 2009. p. 8.

não observou as condições mínimas de segurança do trabalho agindo assim com ilicitude.

A máquina em qual o reclamante estava trabalhando não oferecia segurança alguma para o mesmo tendo que contar com a própria sorte, de tal forma que veio acontecer o acidente relatado acima provocando além de uma lesão corporal, uma lesão sentimental.

Após o acidente o desânimo, a dor, o medo e a angústia são sentimentos que acompanham o reclamante diariamente, eis que toda vez que se lembra do acidente lhe vem a mente toda dor e humilhação pelo que passou.³⁷

Pela narrativa no processo, a trajetória do trabalhador dentro da empresa na qual ele aparece registrado como pedreiro, é possível perceber que ganhando o salário de servente e executando um serviço totalmente fora da suas funções, essa fonte indica que a empresa não agia de forma a preocupar-se com a segurança do trabalhador e com a regularização de suas atividades, uma vez que em vários momentos de sua presença nessa empresa a mesma usou de artimanhas para burlar as leis trabalhistas, como aparece nas ponderações feitas pela advogada no processo:

A partir do mês de agosto de 2007, o reclamante passou a exercer a função de oficial, função esta que consistia em operar máquina de bate estaca, mas a reclamada deixou de anotar a alteração do contrato em sua CTPS conseqüentemente deixou de pagar o salário previsto na convenção coletiva de trabalho.

Conforme o recibo de pagamento competência de 09-2007 pode-se observar que o reclamante recebeu o salário de 481,80 reais ou seja conforme prevê a CCT, este salário corresponde ao de servente no importe de 2,19 reais por hora.

Nesta data o reclamante já exercia a função de oficial, sendo-lhe devido o salário de 759,00 reais ou seja conforme prevê a CCT este salário corresponde ao de oficial, no importe de 3,45 reais por hora.³⁸

As arbitrariedades cometidas pela empresa ao recusar a pagar o adicional salarial correspondente à atividade que Marcos executava, por consequência permitia exigir a correção e reflexos dos direitos sonogados em sua folha de pagamento, como resposta às ilegalidades cometidas pela empresa. O trabalhador busca na justiça uma forma de equiparar as forças e como resposta entra com um processo trabalhista para receber os salários atrasados, indenização por danos físicos permanentes e por danos morais, demonstrando que embora tenha aceitado essas condições de trabalho por um tempo, ele reconhecia, perante o acidente, a dispensa do trabalho e sua limitação laboral, que esse conjunto de questões o motivava a lutar na justiça, já que não podia mais trabalhar e

³⁷ Ibidem. p. 9.

³⁸ Ibidem. p.5.

lidava com os gastos médicos. Algo que tem o apoio de outros trabalhadores, seja que também abriam processos, seja por aqueles que reconhecem legitimidade em sua ação enquanto luta comum.

Outro fator importante, que está ligado a muitos casos de acidentes, diz respeito a empresas clandestinas, ou ainda a pessoas físicas que contratam trabalhadores, sendo que também não tem nessas obras técnicos em segurança de trabalho, o que acaba acarretando em mais descuido, como aparece na reportagem do site Casa de notícias, de Toledo.

Uma das regras mais básicas, o uso de capacete, é ignorada por 41,79% deste público-alvo.

A maior parte dos trabalhadores da construção civil contratados por empregadores informais não possui carteira assinada e ainda vive o drama de não contar com condições mínimas de segurança no canteiro de obras. Há ainda um grande número de trabalhadores, que mesmo estando vinculados a pequenas empresas, também não possuem a devida documentação em dia.³⁹

Por esse fragmento da matéria podemos perceber que também um fator de causa de acidentes está justamente na não prevenção. Como eu vivencio essas relações, entendo que isso se dá dentro de um campo de forças entre o encarregado da obra e os trabalhadores, pois muitas vezes faz vista grossa quanto ao uso de EPIs, pois não quer perder o funcionário que ao se sentir oprimido pode optar por trabalhar numa empresa maior, já que terá que trabalhar sobre um monte de regras e limitações de suas atividades, perdendo tempo com o uso dos EPIs. A reportagem continua, agora colocando em números essa questão:

O cinto de segurança, indispensável em locais de trabalho em altura, não chega às mãos de 68,07% dos entrevistados.

Não há extintor de incêndio nas proximidades de 22,06% das obras, bem como em 66,67% delas há falta de chuveiros elétricos. E, pior: em 21,59% há sequer papel higiênico.

Segundo o engenheiro de Segurança no Trabalho Agnaldo Mantovani, que é membro do Comitê e coordenador do CPR/PR, o documento aponta uma realidade preocupante para as empresas legalmente constituídas e que cumprem a legislação.

"Os números são alarmantes: a informalidade lidera o ranking de negligência no uso de EPI (Equipamentos de Proteção Individual). E mais: as empresas clandestinas e os empregadores pessoa física são os principais responsáveis pelo elevado número de acidentes de trabalho

³⁹ EMPRESAS clandestinas são as principais responsáveis por acidentes em canteiros. **Casa de Notícias**. Toledo. 18/10/2013. Disponível em <<http://www.casadenoticias.com.br/noticias/15988>>. Acesso: 31/10/2014.

nos canteiros de obra", diz. O reflexo, aponta, mancha a imagem de um setor que é responsável pela geração de milhares de empregos, bem como impacta nas avaliações de risco produzidas por companhias de seguro.

O comitê é composto pelo Sinduscon-Oeste/PR (Sindicato da Indústria da Construção Civil do Oeste do Paraná), CREA/PR (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia), Fiep, Fetraconspar, Sindicatos dos Trabalhadores da Construção Civil de Cascavel, Toledo, Marechal Cândido Rondon, Medianeira e Foz do Iguaçu, bem como por diversas outras entidades ligadas ao setor.

"É necessário que os mecanismos direcionados às instituições responsáveis por fiscalizar a legalidade das empresas que exercem a atividade da construção civil sejam ampliados sempre, sob risco de ver aumentada a quantidade de acidentes de trabalho", destaca o presidente do Sinduscon-Oeste/PR, engenheiro civil Fernando Dillenburg.⁴⁰

A reportagem procura demonstrar que, na verdade, os responsáveis por esses números são pequenas empresas clandestinas ou pessoas físicas, ou seja, o mestre de obras que contrata pequenas obras para serem executadas por seus empregados. Isso pode ser problematizado, pois, comprovamos empiricamente, na análise dos processos e entrevistas, que há negligência e ocorrem acidentes em grandes empresas, também, e que muitas delas acabam na justiça para que o trabalhador consiga reaver minimamente seus direitos.

Igualmente, pequenas obras de 200 a 400 metros quadrado não são interessantes a grandes construtoras, pois o percentual que deverá cobrar por metro se torna inviável para quem vai contratar seus serviços, de modo que sempre haverá pessoas trabalhando informalmente ou sem registro em carteira, assim as grandes construtoras não podem cobrar valores exorbitantes por metro quadrado em pequenas obras.

Muitas vezes, os mestres de obras que formam equipes, sem ter empresas legalmente registradas com CNPJ, encontram mecanismos que atendem os proprietários dessas pequenas obras, bem como apresentam formas de registrar os trabalhadores no CPF do proprietário, e isso tem se mostrado uma alternativa às grandes construtoras, além do que, os salários pagos por esses mestre de obras, se sobressaem ao piso do sindicato pago pelas construtoras, dependendo do valor do metro quadrado e da concorrência por trabalhadores. De modo que até nisso à concorrência com as grandes empreiteiras acaba desviando e encarecendo a mão de obra e alterando o processo de contratação e de interesse dos trabalhadores se vincularem a essa atividade.

⁴⁰ Ibidem.

Vejo na reportagem uma forma de tratar a realidade a partir de certos interesses, pois aponta para uma necessidade de encontrar um culpado para as negligências sofridas por trabalhadores da construção civil, sem apontar para a forma que essa atividade e o trabalhador são desvalorizados, econômica e socialmente, além de não chamar efetivamente a atenção para o fato da degradação do trabalho na construção civil, pois está preocupada em não manchar esse setor que gera muitos empregos, por isso a reportagem apresenta os problemas dos trabalhadores, isentando as grandes construtoras da cidade

Existem ainda alguns aspectos característicos da construção civil que em minha concepção estão diretamente ligados aos casos de acidentes de trabalho e aparece com frequência nas narrativas e trajetória dos trabalhadores, que considero importante na reflexão sobre alguns fatores que influenciam nos casos de acidentes. Muitos trabalhadores aprenderam a profissão ao se colocarem a realizá-la, ou seja, aprenderam fazendo, tendo o canteiro de obras como formação profissional.

Esse caminho de profissionalização me leva a refletir sobre as ferramentas e os acidentes, se o trabalhador teve que aprender essa profissão, na prática ele também não teve um treinamento adequado para aprender a manusear as ferramentas e lidar com a prevenção de riscos de acidentes. Assim, só percebeu grande parte dos riscos, vendo essa situação com companheiros de trabalho, ou consigo mesmo.

Desse modo, penso que parte do primeiro contato com as ferramentas mais perigosas ocorreu sem nenhum preparo anterior. Ao discutir sobre a formação dos trabalhadores na construção civil e como o canteiro de obras se apresenta como um local dinâmico que possibilita ao trabalhador especializar-se nesse setor, Costa e Tomasi (2009) demonstraram como o empresariado age sobre trabalhador e como procura controlar a capacitação e o aprendizado dos mesmos, tentando estabelecer o padrão almejado de qualificação e de rendimento de atividades. Portanto, os autores mantêm o clamor empresarial como legítimo, de que na há mão de obra qualificada, devido à falta de preparo dos trabalhadores, sendo assim a balança se mantém favorável às empresas e suas demandas, pois os trabalhadores permanecem responsáveis pelo ritmo produtivo e dificuldades no ramo. Para esses autores

A falta de mão de obra qualificada é uma queixa frequente na construção civil. A queixa, que é essencialmente patronal, não é recente. Para os dirigentes do setor, o maior problema não é propriamente a ausência de trabalhadores dispostos a ingressar nos

trabalhos de canteiros, muito embora o recente “boon” do setor tenha tornado escassa a mão de obra, mas a ausência de trabalhadores qualificados. (COSTA e TOMASI, 2009, p. 95).

Costa e Tomasi ao destacarem a pesquisa que fizeram sobre o aprendizado no canteiro de obras indicam que há um destaque muito grande por parte das empresas sobre essa falta de qualificação, uma ênfase que propõe limitar os espaços de reivindicação dos trabalhadores (por melhores salários, condições de trabalho etc.) o que, ao mesmo tempo, também atende à tentativa de eximir as empresas de eventuais responsabilidades em caso de acidentes.

A divulgação pelo Portal Maringá Mais, de um folheto feito e distribuído em um evento do Dia Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Ocupacionais, realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção e Mobiliário (SINTRACON) de Maringá, permite observar algumas articulações dos sindicatos em favor de “ensinar” os trabalhadores no manuseio de ferramentas bem como sua importância e seu uso no trabalho. Para tal, faziam a divulgação do evento formativo:

Os sindicatos laborais farão exposição de equipamentos e materiais utilizados no trabalho e que podem gerar acidentes ou doenças ocupacionais, e repassarão informações sobre como prevenir estas ocorrências. Haverá também profissionais da área de saúde realizando exames de prevenção e dando orientações na área de saúde ocupacional. Na parte da manhã, haverá distribuição de material com informações para trabalhadores e empresários.⁴¹

No mesmo folheto, está também a fala do presidente do sindicato, que demonstra o objetivo deste evento contra acidentes. Sobre essa questão ele destaca:

Nossa meta é a prevenção. Com ela, ganha o trabalhador, que não fica doente; ganha a empresa, que não tem afastamento do funcionário; e ganha a saúde pública, que tem uma redução no número de atendimentos”, afirma Jorge Moraes, presidente do Sintracom Maringá. (Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário de Maringá) Explica que a intenção deste trabalho é também conscientizar as pessoas sobre a necessidade de relacionar certos problemas de saúde a ocorrências de acidentes de trabalho ou de doenças ocupacionais. “É uma questão cultural. Em nosso país, tanto trabalhadores como profissionais da área média não têm o hábito

⁴¹ CST promove evento em favor do Dia Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Ocupacionais. **Portal Maringá Mais**. 20/04/2011. Disponível em: <<http://www.maringamais.com.br/sindicatos/?pag=sindicato&id=20&idnot=634>>, Acesso em: 31/10/2014.

de relacionar certos problemas de saúde com o ambiente de trabalho. E isso gera o tratamento apenas dos efeitos, sem combate das causas”, avalia o sindicalista.⁴²

A fala do sindicalista traz alguns indicativos do trabalho de prevenção de acidentes no qual, segundo ele, o trabalhador sai ganhando, mas ao mesmo tempo deixa transparecer o interesse das empresas, pois com essa prevenção elas também saem ganhando, principalmente quando o trabalhador não fica doente ou afastado. E isso também influencia o trabalho de prevenção feito pelo sindicato dos trabalhadores uma vez que têm interesse que a indústria da construção civil aumente o contingente de trabalhadores, pois naturalmente aumentaria a arrecadação sindical.

Assim vejo que não seria apenas o risco que o trabalho oferece, mas também o próprio modo como os trabalhadores são formados e o despreparo do trabalhador frente ao uso dessas ferramentas, que são apresentadas pelas empresas como facilitadoras do trabalho, que acabam possibilitando colocar o próprio trabalhador em perigo.

Gomes (2011) faz um levantamento sobre causas e acidentes de trabalho trazendo dados importantes a partir de gráficos, tabelas, além de a várias citações de autores que discutem a questão de acidentes de trabalho, em sua pesquisa aprofunda-se no conhecimento sobre os sujeitos que estão envolvidos nos canteiros de obra, seu trabalho se caracteriza como um apanhado de bibliografias e dados, mas contribui para uma relação sobre as causas de acidentes e a discussão que me proponho a fazer aqui. Seu trabalho traz uma citação de Vasconcellos (2006), que considere importante para esse trabalho e podemos relacionar com a discussão em pauta:

O trabalhador que se acidenta ou adocece em decorrência de alguma situação onde o EPI não foi utilizado, além de ser culpabilizado, é tido como irresponsável, negligente etc... Raramente se leva em conta o grande número de fatores que dificultam o seu uso e relativizam o seu não uso: a sua eficácia; a sua qualidade; o seu estado de conservação; a possibilidade da solução coletiva e não individual da proteção; a responsabilidade do empregador em fornecer, manter em condições e fiscalizar o seu uso; o desconforto que provoca; a impossibilidade de usá-lo em algumas situações; a história empresarial do seu não uso pelo trabalhador acidentado e pelo coletivo de trabalhadores; a falta de previsão de seu uso (tempo e movimentos de colocação) no trabalho prescrito pelo empregador; a dificuldade em utilizá-lo para atender ao objetivo da tarefa e do trabalho real; enfim, uma série de problemas a que os técnicos responsáveis pela área de segurança e medicina do trabalho nem sempre dão a importância devida. A importância que a

⁴² IBIDEM.

legislação, o empregador e os técnicos dão ao EPI causa desconfiança... peixe oferecido está podre ou está moído. (VASCONCELOS, 2006, p.166 apud GOMES, 2011, p. 108).

Como aponta o autor existe uma busca desenfreada de atribuir ao trabalhador a culpa por acidentes e pelos problemas de saúde, colocando como causa principal o não uso de EPIs, isentando todo um corpo de relação que se estabelece desde a formação do profissional trabalhador bem como o interesse das empresas em fazer vista grossa ao não uso de equipamentos em virtude do tempo gasto para equipar o trabalhador, pois muitas vezes o trabalhador sem esses equipamentos produz mais e tem mais agilidade de locomoção dentro da obra, por isso Vasconcelos vê essas relações com certa desconfiança.

No trabalho rotineiro desses sujeitos, o trabalhador deveria estar em boas condições físicas para efetuar um trabalho com segurança e eficiência. Porém, como poderia alguém que constantemente levanta vários quilos de material, ou cava com picaretas ou trados, ou ainda carrega vários tijolos ao mesmo tempo durante todos os dias da semana estar com 100% de sua força física para trabalhar todos os dias, 44 horas por semana, ou oito horas e quarenta minutos por dia, que somando ao final do mês são 220 horas trabalhadas?

E nisso, cabe uma reflexão sobre a última frase do autor “peixe oferecido está podre ou está moído”, o que leva a pensar que a importância que se dá ao não uso de EPIs é maior do que as condições de trabalho diárias enfrentadas pelos trabalhadores, por isso ao olharem somente para esse caso os técnicos acabam limitando sua análise e não atuam como prevenção e alteração das relações de trabalho nos canteiros de obra.

Nesse sentido, a repetição também gera problema de saúde que podem perseguir o trabalhador por muito tempo, como é caso da Lombalgia, que aparece após um tempo de esforço diário como levantar e carregar peso ou mesmo estar parado em uma única posição por muito tempo, esse problema, segundo os autores (MARÇAL, SÁ e BRAZ, 2006), afeta principalmente os serventes

Após análise dos resultados do Questionário Nórdico Padrão as regiões com maior incidência de dor ou desconforto nos últimos doze meses foram: costas (parte inferior) com 58%, sendo que 13,8% destes relataram que a queixa impediu a realização do seu trabalho normal; pulsos/mãos com 36%, sendo que 22,20% destes relataram que a queixa interferiu em suas atividades e, pescoço e ombros com 28% das queixas sendo que 7,15% e 14,30%, respectivamente, afirmaram que as queixas interferiam na profissão. Com relação aos últimos 7

dias, 30% dos indivíduos da amostra apresentaram dor na parte inferior da coluna, seguido de pulsos/mãos com 20% das queixas, costas parte superior e quadris/coxas com 14% das queixas. A análise biomecânica das atividades de manuseio de carga mostrou uma pressão de 4532 N no segmento L5-S1. (MARÇAL; SÁ; BRAZ, 2006, p.3)

Esse fragmento auxilia a pensar como o trabalhador que está com dores constantes sofre interferência desse problema diretamente na capacidade de produção, mas nos canteiros de obras esses trabalhadores que desenvolvem suas atividades mais lentamente acabam sendo taxados de preguiçosos ou lentos, os apelido mais comuns que conheço são os de “marcha lenta”, uma vez que o sujeito realiza suas tarefas mais devagar, em função das limitações que o próprio corpo lhe impõe, assim através dessa leitura compreendo que se não olharmos com mais atenção para a condição de saúde e de trabalho esses sujeitos acabam sendo estigmatizados pelos próprios colegas e pelos encarregados que às vezes pensam que o trabalhador está fazendo pouco caso do serviço.

Nos dias de trabalho, raras são as vezes em que conseguem exercer suas atividades sem sentir dores nos braços, pernas, costas e nas mãos por algum momento. Os desgastes diários não se curam com apenas uma noite de sono. Nas manhãs, antes mesmos de iniciarem a labuta diária, é possível ouvir nos canteiros de obras, nas conversas entre os trabalhadores alguém reclamando de dor em alguma parte do corpo. Como destacado na entrevista com Saulo, que trabalha a mais de 14 anos na construção, quando perguntado se já havia sofrido algum acidente de trabalho, indica que:

eu nunca sofri né? O único problema que eu tenho, eu tenho uma dor de cabeça, mas que não sei da onde veio isso, eu tenho sempre que tá tomando meu comprimidinho né? Pra não doer, eu já cheguei ficá 4 dias internado por causa dessa dor de cabeça.⁴³

Assim ao trabalhar na construção o sujeito pode correr risco não só de sofrer algum acidente, mas também de adquirir alguma doença que lhe acompanhará muitos anos, por isso é importante compreender que o trabalhador que se vincula a este setor, geralmente é alguém que já passou por outros tipos de trabalhos que exigem grande esforço físico, desse modo quando adentra neste ramo muitos já sabem o que lhes espera, pois, não lhe é estranho o modo de trabalhar, pois traz consigo um histórico de

⁴³ SAULO (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, Sheille Soares Freitas e Carlos Meneses de Sousa Santos, em 23/09/2012. Toledo-PR.

trabalhos desgastantes, o que facilita conseguir uma vaga e permanecer nela, principalmente enquanto for mais rentável que em outra atividade, mas ao mesmo ampliar seus problemas de saúde.

Muito embora essa trajetória não indique que o trabalhador está satisfeito com essa condição, muitas vezes toma iniciativas para alterá-la, como é o caso de Saulo. Por meio de um curso e o planejamento para tal empreendimento, conseguiu modificar a forma de trabalhar e escapar dos serviços mais pesados. Durante a nossa conversa ele fala de suas motivações para tal ação:

Pesquisador: Porque você resolveu ir para esse campo de trabalho?
 Saulo : Porque não tinha outro meio, e eu me envolvi nesse serviço aí... comecei trabalhá nesse ramo aí... [de] servente. Comecei... fiquei três meses de servente, logo passei a pedreiro. [A] pessoa me contratou pra pedreiro, e me dei bem, foi onde que eu tô. Fiz um curso de mestre de obra de 650 horas... [O] curso tem 2 anos que eu fiz , não tem muito tempo que eu fiz. Assim pra aprendizagem melhor, pr'o cê atuar no mercado, tudo se torna mais fácil.⁴⁴

Ainda que a trajetória do trabalhador seja traçada por um longo caminho de dificuldades no trabalho, a possibilidade de fazer um curso se apresenta como uma forma de construção de alternativas dentro do circuito da construção civil, trabalhando durante a semana para empreiteiras e nas horas vagas como autônomo Saulo consegue planejar a realização do curso que, possivelmente, traria uma nova dinâmica de trabalho. Pois, ao ser mestre de obras, as tarefas mais pesadas passam a serem feitas por outros trabalhadores, serventes ou pedreiros, isso da uma nova dinâmica em suas relações de trabalho, seja como autônomo ou com registro em carteira.

Alguns não cumpriram as etapas percorridas por Saulo, muitos apresentam em seu currículo profissional que já exerceram a profissão de servente. Parece ser lugar comum na profissão que o pedreiro tenha sido servente, pois como dito anteriormente a maioria dos profissionais aprenderam essa profissão na prática, por isso o grande teste para se chegar a “profissional”, termo utilizado pelo sindicato para designar as funções, é ter sido servente, acreditando que no tempo em que estava nessa função, o trabalhador conheceria o básico da profissão de pedreiro e qual a função de cada um em uma obra. Além disso, os trabalhadores reconhecem onde estão e onde querem chegar (com melhores salários, mais status na hierarquia do canteiro de obras etc.), por isso muitos se dedicam, ou até mesmo forçam sua indicação como pedreiro.

⁴⁴ Ibidem.

Com essa meta e desejo em ser um pedreiro é necessário que o trabalhador se esforce e passe nos testes, quando em uma empresa, mesmo sem a garantia de que atingirá seu objetivo. Esses testes não são feitos diretamente, pois o encarregado, mestre de obras ou o engenheiro, passa a observá-lo, daí são medidos os mais diversos itens e comportamentos desse trabalhador.

Observei ao longo desses últimos cinco anos que esse acompanhamento e avaliação prioriza aqueles que chegam sempre no horário, que não faltam no trabalho, que fazem horas extras, trabalham aos sábados e não reclamam das tarefas que lhe são passadas, etc. Porém nem sempre são esses os critérios que contam, lógico que predomina a ideia de que “fulano é um trabalhador esforçado”, como que não reclama e trabalha pela empresa, mas outro fator que também auxilia, efetivamente, nessa hora, é a afinidade e confiança existente entre o funcionário e o encarregado, ou se ele é parente desse encarregado, ou ainda se é filho de um amigo do mestre de obras, sobrinho de um pedreiro antigo, como nos aponta Saulo, que iniciou a profissão a partir dessas experiências:

Eu tinha um cunhado que trabalhava num serviço aí, daí ele me chamou pra trabalhar junto, e através dele a gente começou assim, ele já era pedreiro, aí o dono viu interesse na gente. Assim, pagava uma diária pra mim e uma diária pros pedreiro, depois que ele viu o esforço da gente, ele já começou a me pagar a mesma diária que pagava pra um pedreiro, eu nem pedi nem nada [pra ser pedreiro] ele que viu isso aí na gente, entendeu?⁴⁵

O trabalhador destaca alguns fatores que podem auxiliar um servente a trocar de função, mas existe, ainda, uma gama de relações que se estabelece dentro do próprio canteiro de obras que podem e interferem muito com relação à troca de função. No caso de Saulo ele apresenta em sua narrativa uma forma de demonstrar como conseguiu alcançar a profissão de pedreiro ao dizer que “aí o dono viu interesse na gente”, quer dizer que ele era aquele tipo de “funcionário esforçado” que trabalha mais que os outros, ou é mais empenhado nas funções que lhe são atribuídas, mas mesmo que ele não tenha pedido ao patrão para mudar de categoria, isso ficava implícito no seu empenho e dedicação.

Em sua fala valoriza sua prática e demonstra um caminho sem beneficiamentos para alcançar seu reconhecimento, sugerindo que o modo como trabalhava lhe permitiu

⁴⁵ Ibidem.

angariar uma mudança na profissão, que indicava mudar de salário, de atividades, de status nas relações de trabalho, pois como apontado na fala de Saulo, “depois que ele viu o esforço da gente ele já começou a me pagar a mesma diária que pagava pra um pedreiro”, vejamos então que não se trata apenas da vontade do patrão, mas também da capacidade do trabalhador de ler e entender sua realidade e chegar à conclusão de que se ele quer uma mudança então deve ser por sua atuação que isso possa ocorrer, ainda que lidando com a exploração e a concorrência como outros trabalhadores.

Por isso, ao se intitular esforçado Saulo pressionou as relações de trabalho estabelecidas, tendo o patrão começado a pagar o mesmo valor que aos pedreiros, mesmo ele ainda exercendo atividades como servente. Isso indica não apenas subserviência, mas como dentre as questões que elencou estabilizar-se no trabalho, demonstrar que podia ser confiável e com disposição para o trabalho, renderia alguns ganhos que para aquele que chegava a pouco na cidade era fundamental para sair da casa de parentes, podendo casar-se e pagar um aluguel.

Passado esses momentos, o próprio Saulo começou a arriscar outras atuações, conjugando trabalhos na empreiteira e como autônomo, firmando-se, até o momento da entrevista, com o trabalho como autônomo. Sobre isso ele fala o seguinte:

Assim, eu, por exemplo, a firma me ligou, querendo que eu volto trabalhar, inclusive, se fosse melhor eu até teria voltado, daí eu falei “não, do jeito que ta indo agora pra mim está bom, eu to me mantendo ali e tal, tô tranquilo”. A gente trabalha o horário certo também, eu nunca trabalho fim de semana, não precisa trabalhar, no sábado, domingo tô livre, pra mim está bom. To.... Eu tiro a base, assim o serviço da construção civil hoje para pedreiro paga-se 1360 [reais] na carteira, pela tabela do sindicato, e mais um vale de 220 [reais], é pego no cartão para você gastar no mercado, comprar mercadoria(alimento) que precisa né? Isso é só pra gastá no mercado, então somando 1360 [reais] é o preço bruto, mais esse vale de 220 [reais] que recebe, vai dar o que aí, 1500 e pouco, mais ou menos. Eu por conta, nuca baixei de 2300 [reais] por mês, entendeu? É isso 2300, 2500, 2600.⁴⁶

A questão do salário tem pesado muito na avaliação que o sujeito faz sobre que caminho seguir. Nesse caso, o trabalhador deixa claro que o ganho é o principal fator de escolher ser autônomo.

Mas há também a questão da autonomia, no caso dele fazer o próprio horário e mais que isso, para Saulo ter os fins de semana livre também pesa na decisão de ser

⁴⁶ Ibidem.

autônomo. É importante entender que se ele estivesse registrado, ganhando o salário do sindicato, a empresa não o obriga a trabalhar nos fins de semana, no entanto as necessidades do trabalhador muitas vezes o pressionariam a fazer horas extras, ou a fazer os chamados bicos de fim de semana para complementar a renda mensal.

Mas o sujeito que trabalha como servente em grandes empreiteiras e quer chegar a pedreiro acaba passando por um processo mais difícil e mais longo do que o percorrido por Saulo, o qual pode durar muito tempo, meses ou anos. Uma vez que inicia a transposição de cargo passa a ser definido como “meio profissional”, definição sindical e utilizada para registro em carteira. Porém, esse é um período muito difícil de enfrentar na empresa, pois o trabalhador não abandonou ainda a função de ajudante nem tão pouco é um pedreiro e essa pode ser uma situação confortável para a empresa.

O trabalhador passa assim a exercer duas funções conjuntas, a de servente e a de pedreiro aprendiz, pois dependendo do dia ou da necessidade que se apresenta é o primeiro a ser cotado para as mais variadas tarefas. Nesse longo caminho de transição, o trabalhador faz o trabalho de servente e de pedreiro, porém seu ganho tem pouquíssima diferença entre o salário de um servente e é muito mais baixo que o de um pedreiro, o sindicato propõe o mínimo R\$4,58 por hora para o servente; R\$4,83 por hora para o meio oficial e R\$6,38 por hora para o oficial (pedreiro). Portanto, esse momento transitório acarreta ao trabalhador uma função muito mais sobrecarregada, sem a necessidade de lhe pagar um salário de profissional.

Ao compararmos o quanto ganha por hora um servente e o pedreiro vemos que o meio oficial (termo designado pelo sindicato patronal para designar o trabalhador que está sendo treinado para ser pedreiro) tem pouca diferença entre o seu salário e o do servente, mas está bem longe do pedreiro, mesmo que exerça a mesma função que o oficial. O ganhar menos, nesse caso, também se configura numa forma de se conseguir adquirir mão de obra mais barata, uma vez que esse treinamento ou o reconhecimento em carteira vai partir do seu mestre de obras, encarregado de observá-lo no trabalho junto aos demais.

As empresas se utilizam muito desse tipo de “barganha”, pois oferece ao trabalhador a possibilidade de conseguir uma alteração na profissão, o que efetivamente ele está buscando, porém o pagamento por esse registro em carteira é também cobrado do trabalhador sem que ele, muitas vezes, perceba de antemão um dos métodos

utilizados pelas empresas para cobrar esse registro, é a demora em trocar efetivamente o trabalhador de função, prolongando o seu registro como auxiliar

Essa demora pode chegar a anos de espera, principalmente quando a obra é de grande porte, ou quando a empresa tem várias obras na mesma cidade e registra o trabalhador como meio oficial ele exerce a função de pedreiro sem ganhar o salário da categoria e ainda faz trabalho de servente quando é necessário. São esse os trabalhadores designados pelos encarregados de fazer massa, cavar carregar concreto, quando um servente falta ou quando os que tem não são suficiente para cumprir uma tarefa . Como a construtora tem várias obras na mesma cidade não são obrigadas a fazer o acerto previsto em lei a não ser que o trabalhador seja dispensado. Portanto, basta apenas transferir os trabalhadores de uma obra para outra, o que acarreta mais tempo na espera pelo reconhecimento da profissão na carteira, conforme observado em conversa com Nilson:

Na [construtora] quando eu passei a meio oficial eu tive um pouco de apoio, não muito, mas tive um pouco. Aí fui fazendo... Assentando um tijolo aqui, outro ali, aí eu tava rebocando um prédio pra ele em Cascavel, por fora, eu já tava mais formado a pedreiro, só que não tinha na carteira, só que como era lucro pra ele, eu estar trabalhando de pedreiro mas registrado como meio oficial, aí eu cansei de chegar nele e dizer “olha eu já estou cansado, faço trabalho para fora em suas obras e aqui em Toledo e não vejo classificação”, ele sempre me dizia: “espera mais um pouco”, sempre dizia isso, mas lá na [construtora] eu não aprendi muita coisa não.⁴⁷

Portanto esse modo de mudar de servente para pedreiro nem sempre depende do empenho pessoal na concorrência com outros trabalhadores e do reconhecimento dessa disposição para o trabalho, pois se esse é um processo muito positivo para a exploração do trabalhador por parte da empresa, uma vez que esse funcionário já trabalha como pedreiro, e aguarda sem previsão executando tarefas de pedreiro, com salário abaixo do piso da categoria. Nilson destaca que o incômodo foi constante e sabia bem o porquê dos atrasos na sua regularização.

Embora o trabalhador esperasse por essa alteração, que na prática já se efetivou, entendo que essa espera não é tranquila e o trabalhador não fica a mercê da vontade do patrão, pois como nos apontou em sua narrativa, Nilson sempre falava de seu descontentamento, considerando o que estava por trás de tal demora, isto é, o ganho em

⁴⁷ NILSON (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 18/02/2014. Toledo-PR.

cima da não alteração de sua condição, o que chamou de “lucro” do patrão. Isso também indica a posição do sujeito e como ele lê essas relações de poder, pois já que almeja alcançar o registro, então se põe a ponderar com o patrão e avaliar o seu trabalho e as tarefas de pedreiro que exerce, mas ainda como meio profissional.

Porém não alcançando as mudanças almejadas esse e muitos trabalhadores acabam agindo por outros caminhos, como forma de garantir aquilo que lhe foi proposto. Nilson que há mais de dois anos estava esperando a alteração na carteira, entende que como ela não veio e ainda foi dispensado, estava autorizado a entrar com um processo na justiça do trabalho contra a empresa no final de 2012.

Durante nossa conversa, sabendo desse percurso do trabalhador, perguntei se as empresas valorizam o trabalhador, seu Nilson nos disse que

Eu acho que não valoriza porque naquela época, 2010, que eu ia com a [construtora] para São Pedro, Cascavel, (pois quando eu entrei na justiça eles alegaram que eu nunca tinha ido para lugar nenhum), então eu achei engraçado e fui obrigado a dar risada, levaram até um rapaz do escritório, que nunca nem me viu e nem sabe da minha vida, só tá no escritório para assinar algumas folhas, o cara disse: “olha nunca vi esse rapaz não, ele nunca foi pra nenhum lugar para fora”, então eu fiquei mais chateado ainda.⁴⁸

Por isso na trajetória dentro dos canteiros, principalmente no século XXI, o sujeito, ainda que esteja cercado de possibilidades, muitas vezes, avalia certas contrariedades, decidindo, muitas vezes, adiar o enfrentamento, pois sabe que se sair dali com o registro em carteira isso poderá lhe abrir novas oportunidades de trabalho em outras empresas, o que não será o mesmo saindo com a referência de uma ação trabalhista.

O que chocou seu Nilson não foi apenas o modo que a empresa agiu ao não lhe conceder o combinado, mas, principalmente, o mais duro foi negarem suas condições e relações de trabalho utilizando alguém que não compunha as relações pessoais que firmou durante seu vínculo de trabalho para deslegitimar o que vivenciou como realidade de trabalho.

A fala do trabalhador sugere que isso lhe deixou mais chateado, pois o que lhe negavam não era somente receber aquilo que lhe era direito, mas também a capacidade de comprovar o que dizia, como trabalhador estava sendo questionada a veracidade de

⁴⁸ Ibidem.

sua causa, como se desrespeitando sua índole e o que se dedicou por tantos anos. Moralmente se sentiu abalado, pois como trabalhador e tendo consciência do que ele havia feito, seu Nilson nos dá a entender que embora as empresas tentem se aproveitar da possibilidade de barganhar com os trabalhadores a ascensão de cargos, salários e tarefas, se o acordo não for cumprido, de modo que os trabalhadores também entendam como satisfatório, haja vista que muitos podem romper essas relações, e de alguma forma lutar para que seus direitos sejam garantidos, mesmo se acionando a justiça para isso e se deparando com enfrentamentos desiguais, pois elencar funcionários para testemunhar a favor da empresa é, ao mesmo tempo, indicar quem tem poder para tais manobras e a que pressões um conjunto de trabalhadores estão propensos para garantir o seu trabalho.

Neste capítulo busquei problematizar como o trabalhador na construção civil entra em contato com essa forma de trabalho, bem como sua trajetória profissional, problematizando elementos que vão desde a indicação para o trabalho e as relações sociais que se desenrolam no decorrer dessas experiências e possíveis complicações na saúde do trabalhador.

Para isso a compreensão de que o trabalhador é um sujeito social que age para transformar sua realidade é essencial, uma vez que na minha perspectiva o trabalhador na construção é um sujeito que também faz parte de uma sociedade e compartilha modos de vida e costumes que estão impregnados entre outros trabalhadores. Por isso, vejo esses trabalhadores como agentes transformadores de suas condições sociais e econômicas dentro de suas limitações e do campo em que têm possibilidade de agir.

Analisei como certos acidentes ocorrem e como os trabalhadores lidam com isso, problematizando a retórica e a possível marginalização do trabalhador, colocando-o como único responsável pelos eventuais acidentes que ocorrem em canteiros de obras, isentando assim as construtoras e patrões, sem levar em consideração a precarização do trabalho e desvalorização do trabalhador.

A questão das barganhas das empresas com os trabalhadores também aparece como um modo de obter mão de obra barata, no caso das promoções prolongadas isso aparece como estratégia das construtoras, no entanto, para o trabalhador que almeja uma promoção isso aparece como uma possibilidade e alternativa de melhores condições de trabalho e como vimos quando esses contratos não são cumpridos, abre-se a possibilidade de enfrentamentos judiciais, o que os trabalhadores, muitas vezes, buscam

como alternativa de equiparar as relações de força, lidando com pressões e limites e encontrando possibilidades de indicar interesses e valores, mesmo que as relações de poder sejam desiguais e, em grande parte, avessas às suas intenções.

Considerações finais

Este trabalho tem grande importância para mim e academicamente, pois deu oportunidade de debater assuntos extremamente importantes no que concerne à situação de trabalhadores que se vincularam ou estão na construção civil em Toledo, vendo os problemas enfrentados por esses sujeitos na integralidade da vida (THOMPSON, 1981). Pois através do diálogo com pesquisas que se remetem a essa atividade no Brasil pudemos perceber que os problemas de muitos dos trabalhadores dialogam com os enfrentamentos dos entrevistados para essa pesquisa, correspondendo aí a uma identificação das condições comuns de classe (envolvendo modo de viver e trabalhar).

A contribuição dessas discussões é uma maior reflexão sobre a situação e o valor que a sociedade e o próprio mercado de trabalho dispensam a esses trabalhadores. Por isso, o estudo sobre suas experiências auxilia na desconstrução de alguns estereótipos que são lançados para esses sujeitos, dentre eles visões como a de que todo trabalhador da construção é malandro, perigoso, aproveitador etc., as quais podem ser contestadas a partir da compreensão do que valoram e como enfrentam a rotina de trabalho, as lutas e enfrentamentos diários pelo quais passam, não que esse deixe de ser um universo contraditório e nada homogêneo, mas é preciso identificar como uma visão prevalece, muitas vezes, impedindo de observar as desigualdades e exploração que formam esse setor de trabalho e estigmatizam esses trabalhadores.

Ao refletirmos agora sobre esses sujeitos a impressão que fica é de estamos falando de pessoas que tiveram que fazer escolhas, muitas vezes difíceis, como mudar-se de um lugar a outro, deixando para trás famílias, ou mesmo lidando com a incertezas de um mercado de trabalho que hora tem trabalho com remuneração plausível, mas em outro momento não só os pagamentos que caem, mas as vagas disponíveis também. Ter que lidar com o próprio modo de trabalho que o setor oferece, exaustivo, desgastante e até violento em certos momentos.

Essa decisão de pesquisa me fez compreender que os trabalhadores deste segmento aceitaram adentrar esse campo de trabalho em grande parte porque as pressões das lutas diárias em determinados momentos de sua vida lhes apresentaram

esse ramo de trabalho como sendo uma possibilidade de mudança, ou seja, uma opção plausível frente às pressões que passavam em determinado momento.

As principais impressões que ficaram foi de perceber, entender e respeitar cada trabalhador em seu campo de trabalho, percebendo que cada sujeito traz suas lutas, ora compartilhadas, ora singulares a determinados objetivos embora faça parte de um contexto social mais amplo e se identifique com outros na produção desses caminhos por mudança, seja pelo sindicato, na produção de Reclamações Trabalhista, na articulação de demandas e pressões no canteiro de obras, seja abandonando essa atividade e se recolocando nas relações de trabalho.

Como analisado nesse trabalho a partir das trajetórias destes trabalhadores foi interessante refletir sobre o significado que cada um deu a essa profissão demonstrando como também foi uma escolha dentro de um campo restrito de possibilidades de cada um. Como vimos, as relações de poder na construção civil é muito complexo, não é fácil de ser executado e nem de conviver com sua visibilidade nas relações sociais.

Entretanto, é preciso perceber que mesmo com todas as dificuldades apresentadas há pessoas trabalhando e sobrevivendo dela, o que me leva a considerar que para esses trabalhadores essa atividade significa no mínimo parte importante de suas alternativas para sobrevivência e construir expectativas.

Nesse sentido, quando esses trabalhadores refletem sobre como vivia no passado e avaliam o seu presente deixam transparecer que se sentem melhor nesse ramo de trabalho, pelo menos é o que querem afirmar nas entrevistas e conversas informais, pois ainda estão vinculados a essa atividade. Isso me fez pensar (como conheço o trabalho em canteiros de obras e muitas vezes senti as dores das quais eles me falaram), como era difícil o que vivenciamos no passado, e como não deve de ter sido fácil superar e construir as experiências apontadas nas trajetórias.

Termino indicando que esse trabalho foi um primeiro momento de reflexão sobre essa questão e que muitas perguntas e caminhos de análise ficaram abertos. Angústias de pesquisa que tentarei amadurecer em outra possibilidade de aprofundar os caminhos desses trabalhadores na construção civil e na cidade de Toledo.

Fontes

Autos Processuais

PARANÁ. Poder Judiciário. Reclamação Trabalhista. Trabalhador solicita reversão de dispensa por justa causa e pagamento de horas extras. Comarca de Toledo. 9ª Região. **Processo Trabalhista**, [Toledo], nº. 00849-2009-068-09-00-00, 01 de agosto de 2008.

PARANÁ. Poder Judiciário. Reclamação Trabalhista. Trabalhador solicita indenização por acidente de trabalho. Comarca de Toledo. 9ª Região. **Processo Trabalhista**, [Toledo], nº. 00293-2009-068-09-00-7. 20 de fevereiro de 2009.

Fontes Orais

LUIS (pseudônimo). **Entrevista** realizada por Alessandro Pimentel, em 27 de janeiro de 2013. Toledo-PR.

MARCELO (pseudônimo). **Entrevista** realizada por Alessandro Pimentel, em 01 de junho de 2013. Toledo-PR.

NILSON (pseudônimo). Entrevista realizada por Alessandro Pimentel, em 18/02/2014. Toledo-PR.

SAULO (pseudônimo). **Entrevista** realizada por Alessandro Pimentel, Sheille, Soares de Freitas e Carlos Meneses de Sousa Santos, em 23/09/2012. Toledo-PR.

Imprensa

EMPRESAS clandestinas são as principais responsáveis por acidentes em canteiros. **Casa de Notícias**. Toledo. 18/10/2013. Disponível em: <<http://www.casadenoticias.com.br/noticias/15988>>. Acesso: 31/10/2014.

TRABALHADOR de 45 anos morre ao levar choque. CGN/Radar BO. 28/07/2012. Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/28066/trabalhador-de-45-anos-morre-ao-levar-choque>>. Acesso em: 20/10/2013.

TRABALHADOR cai de andaime de prédio em construção em Toledo. Radio Educadora/Radar BO, 05/12/2013. Disponível em <http://www.radioeducadora.com/educadora/ver_noticia.php?not=48287>. Acesso em: 15/04/2014.

IRREGULARIDADE mais comum nas obras é falta de EPIs. **Jornal do Oeste**, Toledo, 16/07/2014. Disponível em: <<http://www.jornaldoeste.com.br/cidade/2014/07/irregularidade-mais-comum-nas-obras-e-falta-de-epis/871795/>>. Acesso em: 21/10/2014.

CST promove evento em favor do Dia Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Ocupacionais. **Portal Maringá Mais**. 20/04/2011. Disponível em: <<http://www.maringamais.com.br/sindicatos/?pag=sindicato&id=20&idnot=634>>, Acesso em: 31/10/2014.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Paulo Roberto et al. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.) **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 11-16.

CARDOSO, Heloisa H. P. Nos Caminhos da História Social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 42, p. 31-47, jan./jun. 2010.

COSTA, Luciano Rodrigues; TOMASI, Antônio P. N. O canteiro de obras é escola? Formação e qualificação profissional na construção civil. **Teoria e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 2, n. 17, p.94-117, jul./dez. 2009.

FRANKLIN JÚNIOR, Ivan; AMARAL, Tatiana G. Inovação tecnológica e modernização na indústria da construção civil. XXVIII Encontro de Engenharia de Produção. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPRO, 2008

LAET, Dayane. Construção civil lidera atendimentos médicos por acidente de trabalho. 25/03/2014. Disponível em:
<<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/geral/2014/03/25/293515/construcao-civil-lidera-atendimentos-medicos-por-acidente-de-trabalho>>. Acesso em:31-10-2014

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. et al.(Orgs.) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

MARÇAL, Márcio Alves; SÁ, Marcos Augusto; BRAZ, Petrônio Augusto. Lombalgia entre serventes de pedreiro: estudo da incidência e dos fatores de risco. 14º Congresso Brasileiro de Ergonomia. **Anais...** Curitiba: ABERGO, 2006.

Sousa, Heloísa Nair Bicalho Trabalhadores pobres e cidadania. **Cadernos CRH**, Salvador, n. 22, p.71-96, jan./jun. 1995.

SANTOS, Paulo Henrique Faleiro dos; BARROS, Vanessa Andrade. A condição de servente na construção civil. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 241-262, 2011.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria, um plenário de erros**: Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____.Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de; OLIVEIRA, Maria Helena Barros (Org.). **Saúde, trabalho e direito. Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória.** Rio de Janeiro: Educam, 2006 apud GOMES, Haroldo Pereira. **Construção civil e saúde do trabalhador: um olhar sobre as pequenas obras.** Tese (Doutorado em Ciências). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro. 2011.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, Y. M. A. **A pesquisa em História.** São Paulo: Ática, 1998.